



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - DG  
CURSO LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**WELLINGTON VENICIO DE ALMEIDA**

**DINÂMICA SOCIOESPACIAL DA FEIRA LIVRE DO  
CONJUNTO SEVERINO CABRAL NO BAIRRO DE  
BODOCONGÓ - CAMPINA GRANDE - PB**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2016**

**WELLINGTON VENICIO DE ALMEIDA**

**DINÂMICA SOCIOESPACIAL DA FEIRA LIVRE DO  
CONJUNTO SEVERINO CABRAL NO BAIRRO DE  
BODOCONGÓ - CAMPINA GRANDE - PB**

Monografia apresentada ao Curso de Geografia  
da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB,  
em cumprimento as exigências para a obtenção  
do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa

CAMPINA GRANDE – PB  
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A447d Almeida, Wellington Venicio de  
Dinâmica socioespacial da feira livre do Conjunto Severino  
Cabral no bairro de Bodoconó- Campina Grande -PB [manuscrito]  
/ Wellington Venicio de Almeida. - 2016.  
62 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa,  
Departamento de geografia".

1. Feira livre. 2. Dinâmico sócio espacial. 3. Economia. 4.  
Bodocongó. I. Título.

21. ed. CDD 711.4

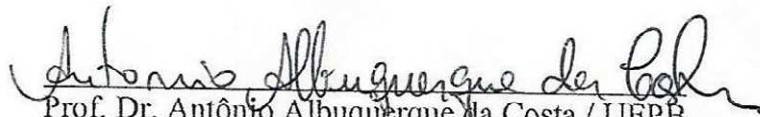
**WELLINGTON VENICIO DE ALMEIDA**

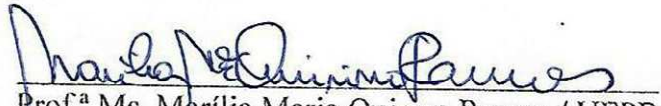
**DINÂMICA SOCIOESPACIAL DA FEIRA LIVRE DO CONJUNTO SEVERINO  
CABRAL NO BAIRRO DE BODOCONGÓ - CAMPINA GRANDE - PB**

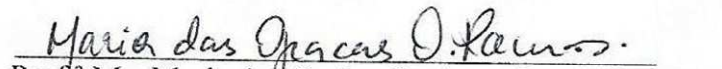
Monografia apresentada ao Curso de Geografia  
da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB,  
em cumprimento as exigências para a obtenção  
do título de Licenciado em Geografia.

Aprovado em: 17/05/2016.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa / UEPB  
Orientador

  
Prof.ª Ms. Marília Maria Quirino Ramos / UEPB  
Examinador

  
Prof.ª Ms. Maria das Graças Ouriques Ramos / UEPB  
Examinador

## DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa primeiramente à minha mãe Maria Ivanete de Almeida, mulher de garra e coragem que sempre dedicou grande parte de sua vida para com seus filhos, incentivando e apoiando nas mais importantes escolhas e caminhos a serem seguidos. Ao meu avô o Sr. André Almeida Pinto que sempre será para mim a figura de pai e exemplo de homem a ser seguido, e aos meus irmãos, os quais fortaleceram a busca pela conclusão de um sonho agora realizado.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me proporcionou sabedoria e condições para alcançar esse patamar, vitorioso da vida, a esse Deus toda honra e toda glória para o século dos séculos amém.

Ao professor Dr. Antônio Albuquerque da Costa, meu orientador por sua importante contribuição em conhecimentos e experiências guardadas durante todo período em que, vivenciamos em sala de aula, nas aulas de campos e por último no auxílio e paciência durante toda pesquisa e conclusão deste trabalho acadêmico.

Aos professores Ms. Marília Maria Quirino Ramos e Ms Maria das Graças Ouriques Ramos pelas suas disponibilidades de ajudar no desenvolvimento desse trabalho, os demais professores da UEPB, que tanto contribuíram em minha formação acadêmica.

A todos os funcionários da SEPLAN, pela acessibilidade de dados imprescindíveis a pesquisa, assim como também a todos os moradores entrevistados e comerciantes da feira de Bodocongó que doaram um pouco de sua atenção em fornecer informações importantes.

À instituição acadêmica Universidade Estadual da Paraíba, que completa neste ano 50 anos, de contribuições e prestação de serviços à população paraibana e a todos que contribuíram direta ou indiretamente na conclusão deste trabalho, o meu muito obrigado.

“Aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa,  
nunca tem medo e nunca se arrepende.”  
LEONARDO DA VINCI

**ALMEIDA, Wellington Venicio de. Dinâmica Socioespacial da Feira Livre do conjunto Severino Cabral no bairro de Bodocongó - Campina Grande – PB** Monografia (Graduação). Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Educação. Departamento de Geografia. Curso de Licenciatura Plena em Geografia. Campina Grande, 2016.

## **RESUMO**

Este trabalho se propõe analisar as dinâmicas socioespaciais da feira livre do Conjunto Severino Cabral no bairro de Bodocongó, localizado na zona oeste de Campina Grande - PB. Entre os objetivos específicos encontram-se: elaborar um resgate de sua localização e sua origem histórica; sua importância para economia local; os benefícios e contribuições desse centro comercial para o processo de ocupação e consolidação urbana; o perfil dos comerciantes que desenvolvem suas práticas econômicas e comerciais neste local. Com base na análise proposto por Milton Santos sobre os dois circuitos o circuito superior e o circuito inferior da economia desenvolveu-se o estudo desse espaço comercial onde se realiza a feira livre, com sua dinamização socioeconômica para o bairro. Podemos destacar alguns resultados que objetivamos mostrar e constatar de que a Feira de Bodocongó, beneficia as comunidades local e circunvizinhas que frequentam aquele espaço comercial e com isso satisfazem as necessidades de consumo desta população, os dois circuitos da economia o formal e o informal utilizado como referência principal na elaboração da pesquisa ( Espaço Dividido, Santos 2008.), que estão de fato se interrelacionando entre si, e que ambos se beneficiam dessas atividades realizadas neste mesmo espaço comercial. A fim de atingir os objetivos da pesquisa foram utilizados procedimentos metodológicos teóricos e práticos, como pesquisa bibliográfica em livros, artigos, dissertações. Também foi feito um levantamento qualitativo do comércio formal e informal, que constitui o foco da análise do trabalho, e realização de entrevistas com os feirantes, além de tratamentos e interpretações de dados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feira livre, Dinâmica Sócio espacial, Circuitos da economia, Bairro de Bodocongó.



**ALMEIDA.** Wellington Venício de. **Dinâmica Socioespacial da Feira Livre do conjunto Severino Cabral no bairro de Bodocongó - Campina Grande – PB** Monografia (Graduação). Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Educação. Departamento de Geografia. Curso de Licenciatura Plena em Geografia. Campina Grande, 2016.

## **A B S T R A C T**

This study aims to analyze the socio-spatial dynamics of the free fair “Severino Cabral” set in Bodocongó neighborhood, located in the west of Campina Grande - PB. The specific objectives are: to draw up a rescue of its location and its historical origin; importance to the local economy; the benefits and contributions of this shopping center to the process of occupation and urban consolidation; the profile of traders who develop their economic and business practices in this location. Based on the analysis proposed by Milton Santos on the two circuits of economy the study of this commercial space, is developed where the free fair takes place, with its socio-economic dynamic to the neighborhood. In order to achieve the objectives of the research theoretical and practical methodological procedures were used such bibliographic research in books, articles, dissertations. It was also made a quantitative survey of formal and informal trade, which is the focus of labor analysis, and interviews with the vendors, as well as treatments and data interpretations.

**KEYWORDS:** Free Fair, Socio- Spatial Dynamics, circuits of the economy, Neighborhood Bodocongó.

## LISTA DE FIGURAS

	PÁGINA
Figura 1	Localização do Bairro de Bodocongó na cidade de Campina Grande ..... 16
Figura 2	Imagem do bairro de Bodocongó..... 17
Figura 3	Açude Velho..... 19
Figura 4	Açude Novo -1957..... 19
Figura 5	Açude de Bodocongó -1950..... 20
Figura 6	Localização da nascente e desague do rio Bodocongó..... 21
Figura 7	Indústria Têxtil - 1957..... 22
Figura 8	Indústria Têxtil, vista panorâmica..... 23
Figura 9	Vila Operária Nossa Senhora de Nazareth – 1957..... 24
Figura 10	Curtume Antônio Vilarim..... 25
Figura 11	Antigo Matadouro Público de Campina Grande..... 26
Figura 12	Etapas de mudanças das localizações da feira de Bodocongó..... 32
Figura 13	Centro de atividades João Rique área da feira livre de Bodocongó e seus entornos..... 34
Figura 14	Estrutura do Centro de Atividades João Rique..... 35
Figura 15	Administração e S.M.S (Programa de Controle de Dengue) ..... 35
Figura 16	Unidade Básica de Saúde João Rique rua Elvira Carolino de Lima..... 36
Figura 17	Campo de Futebol na rua Maestro Nilo Lima..... 36
Figura 18	Espaço atual da feira livre construção de boxes de alvenaria..... 37
Figura 19	Ponto de Taxi..... 38
Figura 20	Área de carga e descarga de mercadorias..... 39
Figura 21	Dinâmica do comércio no entorno do Centro de Atividades João Rique..... 39
Figura 22	Quadro comparativo entre os dois circuitos da economia..... 42
Figura 23	Primeiro maior empreendimento nas proximidades da feira..... 45
Figura 24	Coesão espacial de atividades complementares diversas na rua João Sergio de Almeida..... 45
Figura 25	Construções de alvenaria irregulares..... 47
Figura 26	Presença do Circuito Inferior na rua Maestro Nilo Lima..... 49
Figura 27	Presença do Circuito Inferior na rua João Sergio de Almeida..... 49
Figura 28	Levantamento da forma de pagamento dos clientes no comércio informal. .... 52

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	11
<b>1 Breve histórico da formação e organização espacial do bairro de Bodocongó.....</b>	14
<b>1.1 O bairro de Bodocongó: da origem a evolução industrial .....</b>	17
<b>2. Dinâmicas da feira livre do bairro de Bodocongó.....</b>	28
<b>2.1 Feiras: um breve resgate histórico.....</b>	28
<b>2.2 A feira de Bodocongó: espaço de diversidades.....</b>	30
<b>3. Circuitos da economia: O formal e o informal configurando uma centralidade no bairro de Bodocongó.....</b>	39
<b>3.1 A feira de Bodocongó: a presença dos dois circuitos da economia urbana na ocupação de um mesmo espaço .....</b>	39
<b>3.2 O circuito superior na feira de Bodocongó .....</b>	42
<b>3.3 O circuito inferior na feira de Bodocongó .....</b>	46
<b>Considerações finais .....</b>	53
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	55

## INTRODUÇÃO

Este trabalho busca compreender a dinâmica de um bairro periférico de uma cidade de porte médio apontando as transformações espaciais que estão ocorrendo nesses espaços e como as mesmas vêm se adequando às mudanças do mercado. Já tendo em vista, que em geral os estudos da Geografia apontam para a realidade das grandes cidades, com destaque para o estudo das metrópoles, entende-se que neste aspecto o presente trabalho pode fornecer uma contribuição sobre o estudo das cidades médias, sendo importante para explicar essas transformações o uma análise do espaço geográfico.

Dentre as hipóteses que nortearam este estudo está o papel exercido pela feira livre de Bodocongó para a sobrevivência de uma população pobre com pouca escolaridade bem como sua importância no atendimento do consumo da população do referida de Bodocongó, por último há o entendimento da formação de uma subcentralidade no bairro, na qual, estão presentes os circuitos superior e inferior da economia urbana para atender às necessidades de consumo desta parcela da população campinense. Foram estas as hipóteses que conduziram a presente pesquisa.

Os resultados da pesquisa podem ser acompanhados em quatro capítulos. O primeiro capítulo, traz um levantamento de dados histórico-geográficos sobre o Estado da Paraíba e de Campina Grande como principal cidade do interior do Estado, se concentrando na organização e toda formação e importância histórica, socioeconômica do bairro de Bodocongó; alguns acontecimentos, históricos na cidade de Campina Grande, que colaboraram para a formação do bairro em questão, com suas diversas fases, de bairro primeiro industrial, para suas evoluções habitacionais, técnico científico e econômico; também foram explicitas as relações históricas que este bairro passou, no ano de 1917, com a construção e inauguração do açude de Bodocongó, que de fato suas águas não serviram a princípio, mas trouxe um grande desenvolvimento para essa área com a instalação de várias fábricas e iniciando também uma ocupação populacional, primeiro com as vilas operárias, que só ajudou diretamente para o desenvolvimento financeiro da população local, bairro este que no começo ainda era considerado rural e que vai tornando-se cada vez mais urbano devido esses investimentos em habitação e em indústrias; já no campo geográfico a análise se detém à economia, e aos estudos de desenvolvimento humano da população que reside neste bairro.

O segundo Capítulo se detém a formação de sua feira livre e todo o seu desenvolvimento até os dias atuais, com sua localização e dados levantados pelo IBGE (2010), como importância econômica para a população deste bairro, assim como sua importância na contribuição no desenvolvimento da cidade de Campina Grande, que passa por várias etapas econômicas, com os antigos tropeiros que transitavam de cidade em cidades, abastecendo com mercadorias. Em seguida a fase do algodão, até os dias atuais com a revolução tecnológica para se compreender toda uma trajetória acompanhada por diversas mudanças importantes no decorrer de sua História.

Uma abordagem histórica da origem das feiras que permanece até os dias atuais, dessa cultura tradicional, utilizada por comerciantes que dispõem de seu esforço e tempo a se dedicar a essa atividade, tão importante para economia de uma cidade ou de um bairro, apontando como esse comércio desenvolvido por esses feirantes, influenciou no processo de consolidação urbana e dinâmica da cidade e mais precisamente do bairro.

Como o estudo da feira de Bodocongó, que são considerados pequenos centros econômicos distantes da área central da cidade, porém, de suma importância para a comunidade local, que conseguem suprir suas necessidades, visitando a feira ajudando aos comerciantes locais que depositam nessa atividade suas economias e esperanças de oferecer uma melhor condição de vida as suas famílias. Também foram descritos aspectos e curiosidades a respeito da história e desenvolvimento deste espaço econômico, que sobrevive as inúmeras fases, e crises passadas por estes comerciantes que acreditam e se realizam em seu trabalho sério, e ao mesmo tempo prazeroso, pois fazem o que gostam.

O terceiro capítulo é o estudo principal da pesquisa, tentando apontar a relação que pode ser estabelecida entre a feira e os dois circuitos da economia, o circuito superior e o circuito inferior, desenvolvida nos países considerados subdesenvolvidos, verificando esse fenômeno numa análise conceitual sobre a esses dois circuitos da economia segundo Milton Santos, que se pretende desenvolver uma análise sobre a feira livre de Bodocongó, uma interrelação entre esses circuitos estudados. O primeiro voltado ao comércio formal, construído mediante investimento de empresários que veem neste centro comercial da feira uma oportunidade de instalar lojas e pontos comerciais com o intuito de absorver a clientela que frequenta há muito tempo este espaço, empreendimentos estes que impulsiona novamente esta, que até então anterior a esses empreendimentos passava por um período de crise, com baixas vendas e pouca frequência da população local e um desaquecimento econômico.

O outro setor o informal, com atividades estas desenvolvidas pelos antigos feirantes desde a sua inauguração, onde se deparam com todos estes novos comércios instalando-se nas proximidades da feira livre, que antes passou por vários momentos de crises, mas que por insistência e esperança desses feirantes se mantêm com suas práticas econômicas, com a instalação desses empreendimentos novos do setor formal (circuito superior), a partir do ano de 2005. Daí uma nova fase se desenha para a economia neste lugar, no setor informal da feira (circuito inferior), novos feirantes que oportunamente, ocupam uma nova área da feira, com construções de barracas e boxes, onde estes alguns novos e outros antigos feirantes que expandem seus negócios próximo a essa área que passa a ser de grande movimento de pessoas e muito dinâmica para todos que alí trabalham.

O estudo, que se ocupou a analisar cada um desses e descrever assim suas características e fases de desenvolvimento, se aplica num período entre os anos (2005-2015), onde tentaremos verificar o que acontece nesses anos e o que mudou para realidade desses feirantes com o advento e criação dessa nova área de comercial.

Para a realização deste estudo, utilizou-se da técnica de entrevista semiestruturada com os feirantes e os demais comerciantes, a metodologia se deteve a levantamento bibliográficos, pesquisa documental, registro fotográfico, consulta a órgãos públicos como a SEPLAN (Secretária de Planejamento do Município) e o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), com uma abordagem qualitativa, que aliado aos dados quantitativos permitem a leitura do atual do cenário local do estudo.

Foram aplicados questionários aos representantes desses dois setores econômico o setor formal (circuito superior), e do informal (circuito inferior), com informações sobre os benefícios que ambos os setores obtiveram com todas estas mudanças ocorridas ao longo desses anos.

## **1. Breve histórico da formação e organização espacial do bairro de Bodocongó.**

O bairro de Bodocongó está localizado na zona oeste de Campina Grande, Estado da Paraíba, tem como áreas limítrofes ao Norte o Bairro Universitário e Novo Bodocongó; ao Sul o bairro Dinámerica; a Leste os bairros Centenário e Pedregal; a Oeste, Serrotão, Malvinas e Ramadinha. Sua área territorial é de 2,97 Km<sup>2</sup>, com Perímetro de 8,55Km. Apresenta uma densidade demográfica de 4.642,4hab./Km<sup>2</sup> e uma população residente de 13.788 habitantes, dados fornecidos pelo IBGE, 2010. (Figura 1)

O bairro apresenta terrenos relativamente planos na sua extensão que compreende o canal de Bodocongó e algumas áreas com pequenas elevações. Dois riachos podem ser observados em suas áreas mais baixas: o riacho de Bodocongó, canalizado em quase sua totalidade que atravessa o Bairro no sentido norte/ sul, é o mais extenso, e o riacho da Ramadinha, sentido oeste/leste em parte, também canalizado, porém não concluído, que se une ao Riacho de Bodocongó, o mais extenso (Figura 2).

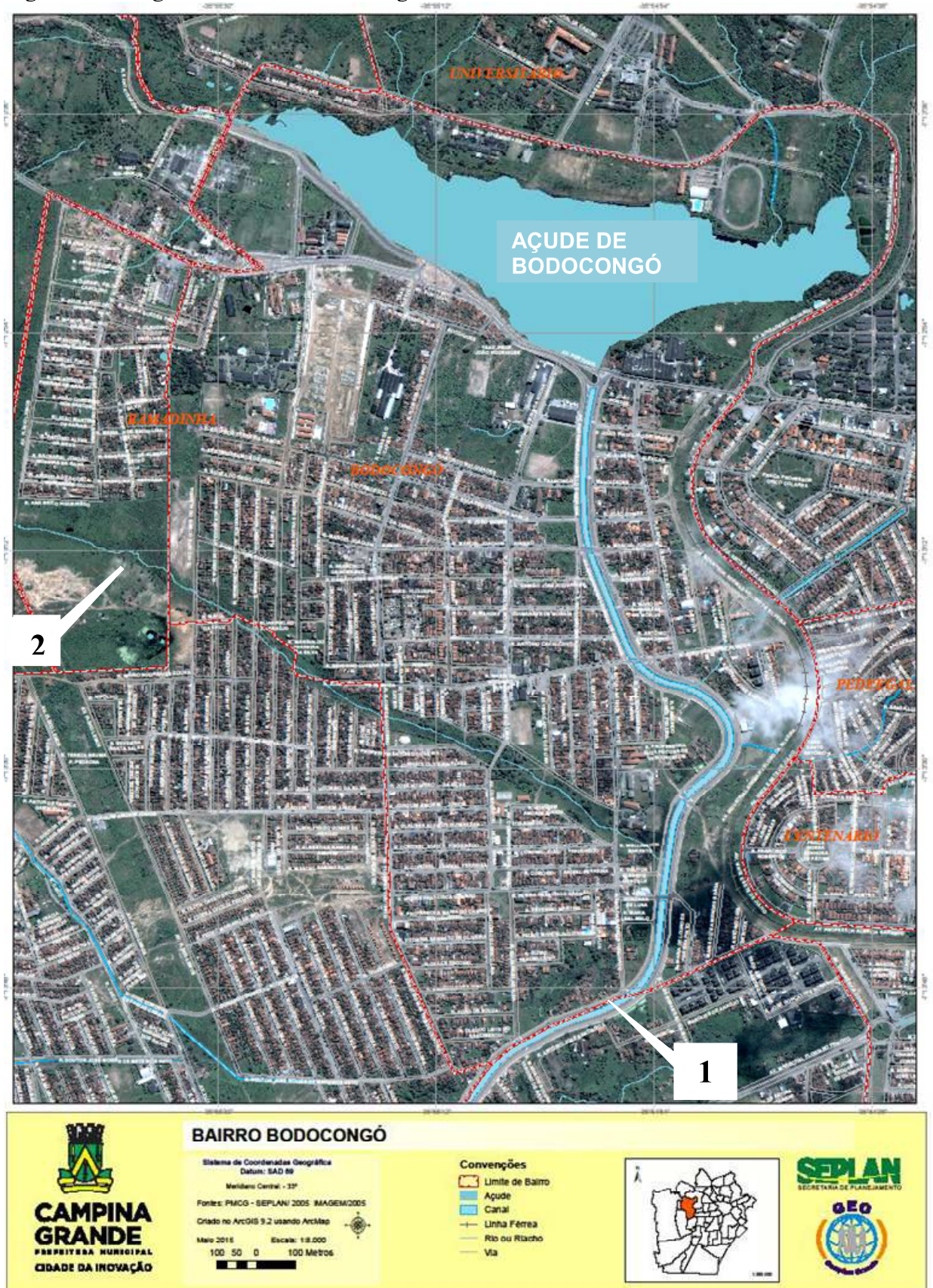
Figura 1 - Localização do Bairro de Bodocongó na cidade de Campina Grande



Fonte: SEPLAN, 2015.



Figura 2 - Imagem do Bairro Bodocongó



Fonte: SEPLAN, 2015 (Imagem fornecida, pela SEPLAN, 2015)  
1 RIACHO DE BODOCONGÓ - 2 RIACHO DA RAMADINHA

### 1.1 O bairro de Bodocongó: da origem a evolução industrial

A origem do nome Bodocongó, ao que se sabe vem da língua Cariri. Irineu Joffily *apud* Almeida (1978, p.424) foi claro quando disse: “Bodocongó, Quixeré, Quixote, etc. São nomes cariris, segundo aprendemos da gramática do padre Mamiani. Elias Borges *apud* Gonçalves, (2005, p. 25) um estudioso da língua e costumes dos cariris, decompondo a palavra escreveu: “Bo-rio; DO-de águas; Congó- que queimam o corpo, o que nos daria: Bodocongó- rio das águas que queimam”. Ainda segundo a mesma autora um diretor do Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará afirmar que: “a palavra Bodocongó não é cariri. Trata-se de expressão a língua Tarairiú, falada pelos mais numerosos índios nordestinos. Infelizmente, o que se conhece deste idioma é muito pouco para permitir uma judiciosa análise etimológica do vocabulário. O mais que é possível dizer a respeito é que o termo encerra um sentido relacionado com água. Não há dúvidas. o nome foi dado pelos indígenas ao riacho que passa no lugar”. (GONÇALVES, p, 25 - 26).

Até o ano de 1914, o atual bairro de Bodocongó era uma área quase inabitada que contava com quatro ou cinco casas residenciais, o que realmente não a caracterizava como um espaço urbano pelo fato de o uso do solo se destinar ao plantio de lavouras. Nesta época, a cidade de Campina Grande não contava com saneamento e distribuição de água encanada, dispoñdo apenas do Açude Velho (Figura 3) e do Açude Novo (Figura 4) como mananciais de abastecimento da população (ALMEIDA, 1978).

A escassez de reservatórios de água, o crescimento da população, além dos longos períodos de estiagem, próprios da região que na época já não resolvia o problema da falta de abastecimento de água, o que fez com que o prefeito Cristiano Luarizem, diante da seca de 1915, na tentativa de solucionar os problemas de abastecimento de água na cidade, contratasse engenheiros para realizar estudos que possibilitassem a construção de um novo açude. Ao final do mesmo ano, chegava a Campina Grande o engenheiro Júlio Barcelos, que por problemas nas obras de construção do açude de Bodocongó, foi ao encontro de um outro local para melhorar os estudos do projeto desenvolvido.

Encontrou-o no lugar chamado Ramada, na confluência do riacho Bodocongó com o Caracóis, que oferecia várias vantagens sobre o primeiro. Além de ficar muito mais perto da cidade, dispa (*sic!*) canalização e a caixa d'água, iria servir de coroamento da barragem de leito a estrada de construção, ligando Campina Grande aos Sertões. (ALMEIDA, 1978).

Figura 3 - Açude Velho.



Fonte: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/paraiba/fotos/campinagrande9301.jpg>. >  
Acesso em 24/03/2016

Figura 4 - Açude Novo -1957



Fonte: [http://cgretalhos.blogspot.com.br/2012/01/memoria-fotografica-acude-novo.html#.VvP5GTG\\_qJB](http://cgretalhos.blogspot.com.br/2012/01/memoria-fotografica-acude-novo.html#.VvP5GTG_qJB).  
Acesso em 24/03/2016

A construção do Açude de Bodocongó (Figura 5), foram iniciadas a partir da segunda metade do ano de 1912, sendo todo o ano de 1916 de intenso trabalho na elevação do paredão do açude. Em maio de 1917, finalmente Campina Grande teve inaugurado seu novo manancial, lugar estratégico já que esse lugar, próximo a rodovia que era via de chegada e saída de Campina Grande ligando-a ao interior do Estado.

O manancial referido é um barramento das águas da bacia do rio Bodocongó, sub-bacia do rio Paraíba (médio Paraíba). Recebe afluentes de Lagoa Salgada, município de Pocinhos (local da nascente do rio Bodocongó) [Ver Figura 6], região localizada em uma altitude de 691m, percorre os municípios de Montadas e Puxinanã e desaguá sua sangria no riacho perenizado de mesmo nome, atravessando a cidade de Campina Grande no sentido norte-sul, percorrendo mais dois municípios: Caturité e Queimadas, desaguando no rio Paraíba, no município de Barra de Santana com (35° 59' e 70°30' S), a 350m de altitude (Pedro, 2008, p.39).

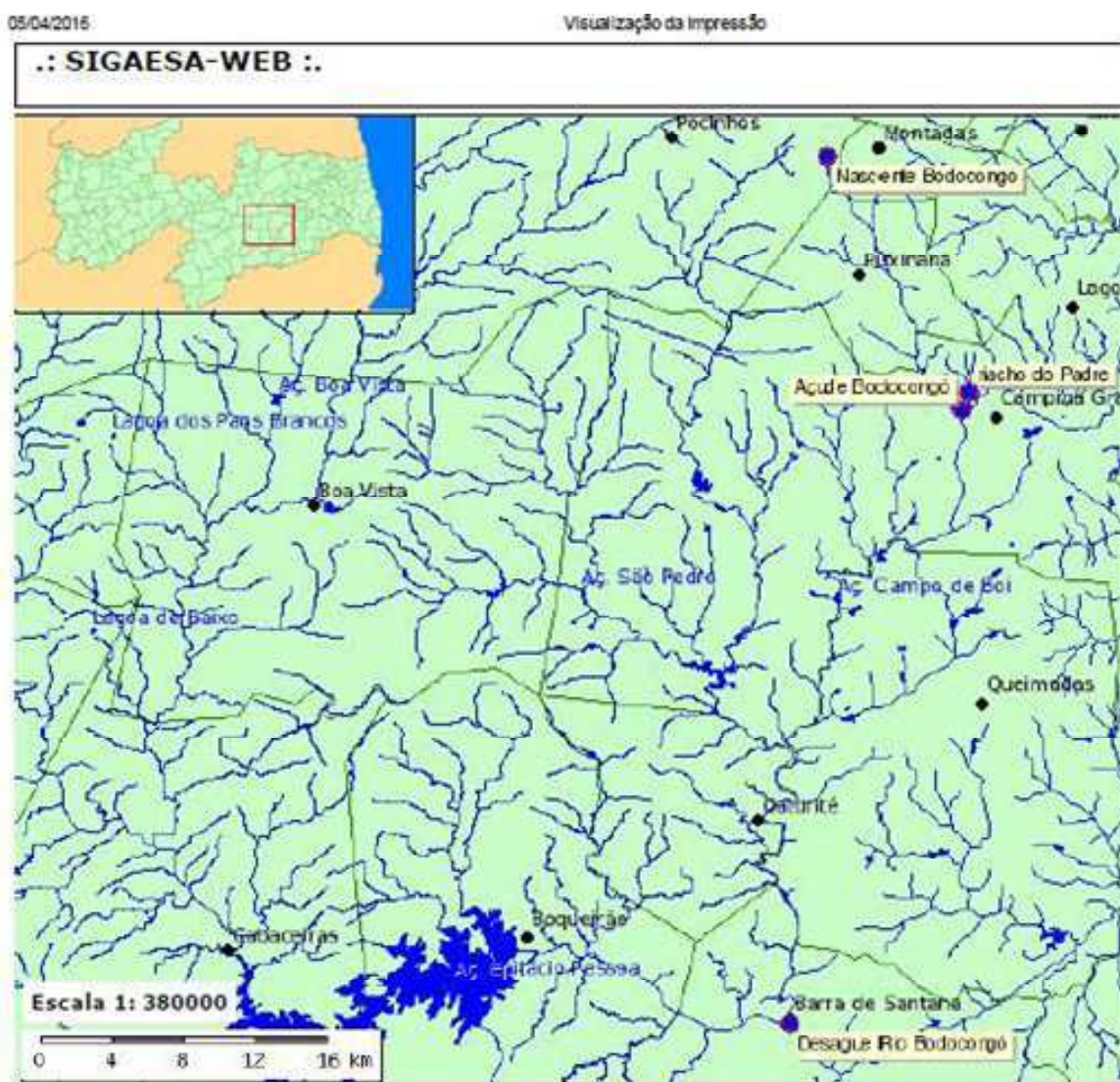
Figura 5 - Açude de Bodocongó – 1950.



Fonte: [http://cgretalhos.blogspot.com.br/2012/11/acude-de-bodocongo.html#.VvP0\\_zG\\_qJA](http://cgretalhos.blogspot.com.br/2012/11/acude-de-bodocongo.html#.VvP0_zG_qJA).

Acesso em 24/03/2016.

Figura 6 - Localização da nascente e desague do Rio Bodocongó.



Fonte: WWW. AESA.PB.GOV.BR. Acesso em 05 de abril 2016.

Por conta do alto teor de salinidade as águas do açude de Bodocongó não serviram para ajudar no abastecimento de água da cidade, porém serviram para a construção de um bairro industrial, o primeiro da cidade, o atual bairro de Bodocongó, que atraiu indústrias que dependiam da força hidráulica e de águas límpidas para as operações fabris. Conforme ressalta Almeida:

Não serviu, é verdade, para o abastecimento da cidade, dado o elevado teor de salinidade da água acumulada. Não dirimiu a crise de água potável. Mas o trabalho não se perdeu. Senão prestou serviços imediatos, tornou-se mais tarde fator decisivo da formação de um novo bairro, o bairro industrial, que tanto está concorrendo para enriquecimento de Campina Grande (ALMEIDA 1978, p.424).

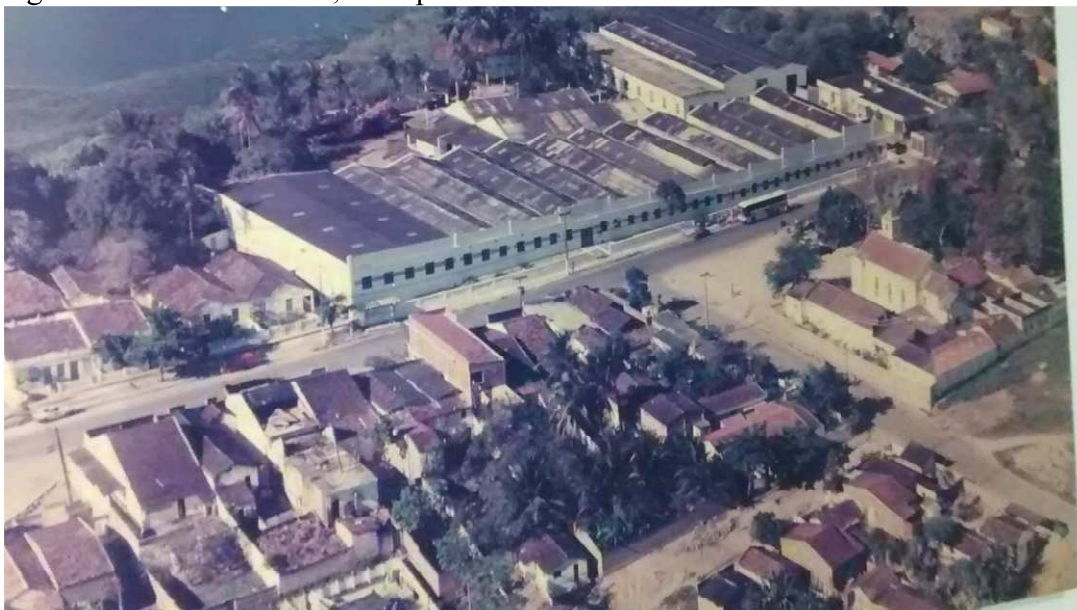
No ano de 1925, a indústria Têxtil- S/A indústria de tecelagem foi a primeira a ser implantada no bairro, fator decisivo no processo de povoamento da área. A implantação da indústria tornou-se fator de atração da população, surgindo no mesmo período a primeira Vila Operária, que objetivava estabelecer seus operários na área, visto que o núcleo central da cidade ficava a 6 km de distância (GONÇALVES, 2005 p. 27), (Figura 7 e Figura 8).

Figura 7 - Indústria Têxtil - 1957



Fonte: WWW. IBGE.GOV.BR/ visualização/fotografias. Acesso, abril,2015.

Figura 8 - Indústria Têxtil, vista panorâmica.



Fonte: Imagem cedida pelo senhor Antônio Pequeno Marquês.

Na década de 1930, a fábrica pertencia aos senhores Idelfonso Soares e José Palhano, em 1933 a indústria foi vendida ao senhor Aprígio Veloso que veio do Recife, aposentado do Banco do Comércio que comprou a fábrica Têxtil juntamente com uma grande área próxima a fábrica que entregou aos seus filhos Agostinho Veloso e Ademar Veloso, os quais doaram os terrenos, que fica localizado em frente à entrada principal da fábrica Têxtil, para construção da capela de Santa Rita.

Iniciada as obras em 1941 concluída em 1946, em seguida 1952 foi também construída a paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro conhecida como (Igreja de Bodocongó), dirigida pelos padres Redentoristas. Este empresário também doou o terrenos para melhorar as condições locais da população visto que uma grande parte trabalhavam na indústria têxtil de sua propriedade, beneficiando os filhos dos operários com a construção do colégio Estadual de Bodocongó, denominado Ademar Veloso da Silveira.

Segundo relatou o senhor Antônio Pequeno Marquês<sup>1</sup> em entrevista realizada em 2015, a fábrica Têxtil chegou a ter em torno de 380 operarios, e uma vila operária de nome Vila Operária Nossa Senhora de Nazareth (Figura 9), que era a padroeira da fábrica na qual havia um local reservado para um altar dedicado a Padroeira.

A Nova organização da fábrica de tecidos de Bodocongó, a frente desse poderoso núcleo trabalhista o nosso presado amigo Eugenio Veloso, incrementou de maneira

---

<sup>1</sup>O Senhor Antônio Pequeno Marquês, conhecido como seu Raposo, nasceu em 1942, atualmente com 73 anos, e aposentado, trabalhou na fábrica de 1958-2009 na Fábrica Têxtil.

surpreendente o progresso daquele subúrbio, que é hoje um dos mais pitorescos e atractivos (sic!) da cidade.

No começo eram apenas os edifícios da fábrica e de resistência (sic!) do gerente. Depois instalaram-se postos de fiscalização estadual e municipal, a primeira bodega, o primeiro café, e, hoje Bodocongó é um bairro realmente digno, é um bairro realmente digno de nota, porque dezenas de casas já se levantaram ali, com a construção da villa operaria N. S. de Nazareth e de inúmeras residências interessantes de iniciativa Particular. (Voz da Borborema, 1930).

Ainda segundo o entrevistado havia procissões realizadas no dia oito de dezembro, data dedicada a comemoração da imagem da Santa. A Vila Operária era composta de 40 casas, divididas 2 fileiras de 20 unidades, com casa dispostas frente para as outras.

As famílias moravam sem custo de aluguel e de energia, que provinha da fábrica, que possuía um enorme gerador que beneficiava tanto a fábrica quanto a vila. O próprio entrevistado confirmou ser um dos que morou na vila, no período de 1958-1969, quando recebeu um terreno doado no mesmo bairro, pelo prefeito da época, Severino Cabral, no qual construiu sua nova casa para onde transferiu-se em 1969, com sua família.

Figura 9 - Vila Operária Nossa Senhora de Nazareth - 1957



Fonte: Imagem cedida pelo senhor Antônio Pequeno Marquês.

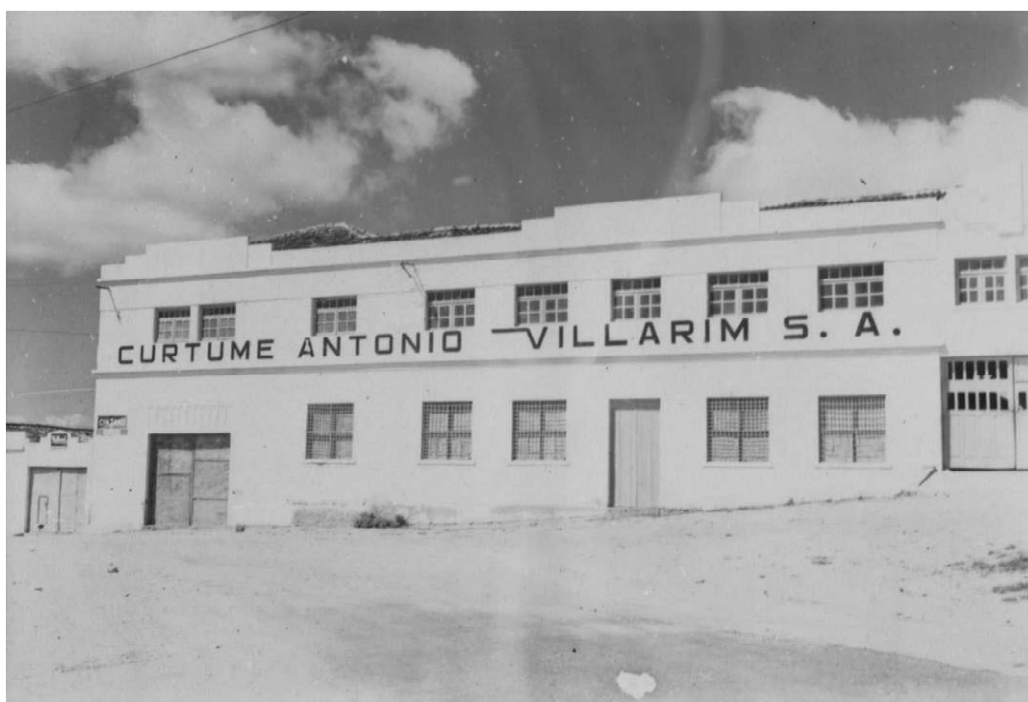
A partir de 1940, se iniciou a construção do matadouro municipal no bairro, e em 1955 a prefeitura municipal fez doação de um terreno ao Clube Aquático Campinense nas margens do açude de Bodocongó. Novas indústrias se instalam no bairro, como a IPELSA (Indústria de Celulose e Papel da Paraíba) fundada mas precisamente no ano de 1965, indo até 2011, sendo em seguida uma cooperativa que permanece até 2014, quando é repassada e



assumida pela empresa (Everest Paper Indústria) atualmente em funcionamento, ver (Anexo A); ROVISA-S/A Refinaria de Óleo Vegetal ver (Anexo B); PREMOL (Indústria de Pré-moldados, hoje desativada), além do curtume Antônio Vilarim, também desativado.

(Figura 10). Essa importância de Bodocongó como bairro industrial se prolongou até a década de 1970, quando foi criado um novo distrito no bairro do Tambor.

Figura 10 - Curtume Antônio Vilarim



Fonte: WWW. IBGE.GOV.BR/ visualização/fotografias. Acesso, abril,2015.

O período de 1940-1960 foi marcado por transformações espaciais significativas para Campina Grande, que registrou grande índice de crescimento e viu a formação de duas zonas industriais nos eixos rodoviários que cortam a cidade- BR 230 e BR 104 (SÁ, 1986 p.182).

Eram indústrias que estavam relacionadas ao beneficiamento de matérias-primas regionais, tais como, têxteis, alimentícias, curtumes entre outros serviços, que se localizaram nas proximidades do açude Velho e do açude de Bodocongó. Tal padrão de localização é definido por Corrêa (1995, p.12-15) como sendo de indústrias periféricas, que mantinham proximidades às fontes de água necessária às operações fabris, mas não distantes do núcleo urbano.

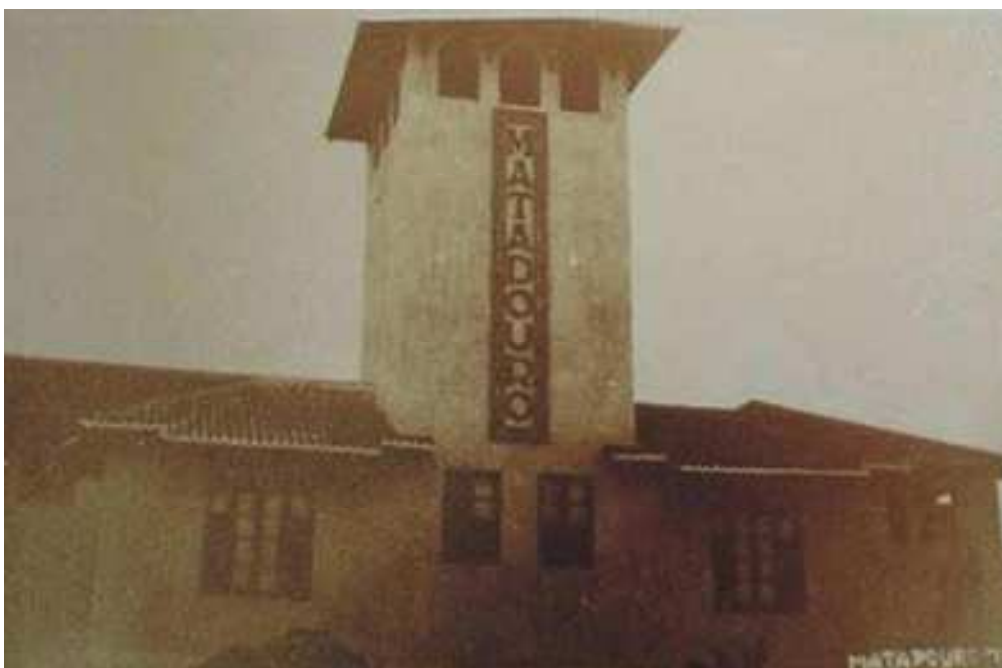
Citando ainda Corrêa (op. cit.), observa-se que é realmente a indústria a primeira das atividades econômicas a se descentralizar em uma cidade, fato do qual Campina Grande não

foge a regra, pela natureza da atividade, que necessita de amplos terrenos e de abastecimento de água, o que justifica a localização de tais indústrias nas proximidades dos açudes Velho e de Bodocongó.

Um dos fatores decisivos no efetivo povoamento dessa área, foram as indústrias que aos poucos se instalaram, atraindo trabalhadores que vieram com suas famílias, o que proporcionou a construção de vilas, como a vila operária Nossa Senhora de Nazareth a primeira construída, outra vila construída que se localizava em frente à fazenda do senhor Belino Figueiredo, hoje UFCG, que foi desapropriada para dar lugar ao atual Conjunto dos Professores (GONÇALVES, 2005 p.28).

Por um longo período o bairro de Bodocongó se limitava as vilas construídas, e poucas casas próximas a fábrica Têxtil, e as ruas mais antigas como a rua Florípedes Coutinho localizado nas proximidades do Matadouro Municipal<sup>2</sup> (Figura 11), a rua do Meio, a rua Ademar Veloso e a rua Portugal (esta em frente ao açude), com poucas casas construídas. O maior crescimento do bairro se deu com a doação de terrenos por volta da década de 1960 pelo prefeito Severino Cabral que doou terrenos principalmente aqueles moradores das vilas operárias e que foram aos poucos construindo suas casas. Portanto, observa-se um processo de crescimento lento, com o predomínio de vários espaços rurais, que aos poucos foram sendo ocupados pela população que chegavam de outros bairros e cidades (GONÇALVES, op. cit.).

Figura 11 - Antigo Matadouro Público de Campina Grande.



Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br>.

<sup>2</sup> O Matadouro foi demolido em 2000.

Com as políticas desenvolvimentistas criadas a partir da década de 1960, que privilegiaram a criação de distritos Industriais, houve a reorganização do espaço industrial da cidade direcionando as indústrias que antes se localizavam no bairro de Bodocongó, para o atual Distrito Industrial de Campina Grande.

A implantação da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campus I, e do campus II da Universidade Federal da Paraíba -UFPB, (hoje como UFCG), que mesmo não localizados especificamente no bairro, atraíram para a área uma nova população de: funcionários públicos, alunos e profissionais ligados direto ou indiretamente a área de educação. Desta forma o crescimento populacional do Bairro seria questão de tempo, visto que esses trabalhadores e estudantes passaram a residir próximo ao seu trabalho e seus locais de estudos. (GONÇALVES, 2005, p.31).

O crescimento do bairro de Bodocongó como bairro residencial ganha maior destaque no início da década de 1980, ao se iniciar a construção do conjunto habitacional Severino Cabral, ver (Anexo- C), com uma área de 330.000,00m<sup>2</sup> em um local que compreende parte da antiga Mata de Dona Merquinha, como era conhecida a senhora América, que concentrava extensiva propriedade rural dedicada a produção agrícolas (mandioca, milho, feijão, entre outros.). (GONÇALVES, op. Cit.).

O conjunto foi construído pela ação do governo estadual e verbas do Banco Nacional de Habitação- BNH, que tinha como um dos objetivos o incentivo a construção civil para edificação de casas populares, setor hoje administrado pela a Caixa Econômica Federal.

Em 31 de maio de 1981, foi entregue 639 unidades habitacionais aos moradores do bairro e vizinhança que se inscreveram e foram sorteados com a casa. Com a entrega das casas, o bairro se mostrou promissor, o que fez com que outros conjuntos habitacionais fossem construídos em seu entorno a exemplo o conjunto do IPEP, construído no ano de 1984, visando suprir as necessidades da casa própria de diversas famílias (GONÇALVES, op. cit.). Como também aborda Rodrigues (1997, p.57)

A escolha da habitação como eixo da política urbana, deveu-se à tentativa de diminuir as tensões nas áreas urbanas. Atende-se a uma necessidade e uma reivindicação (estabilidade social); acentua-se a filosofia de casa própria (aliados da ordem) e aumenta-se o índice de empregos; e propicia-se o crescimento econômico geral, considerando-se que para a indústria da construção são necessários um grande número de insumos indústrias que possibilitariam uma arrancada de crescimento.

Assim, como ocorreu em nível nacional, o processo de urbanização do bairro também se deu de forma significativa, marcando a primeira metade da década de mil novecentos e

oitenta por uma intensa ocupação populacional do bairro de Bodocongó, que teve como prioridade a obtenção da casa própria, e com isso a tentativa de redução das tensões sociais e uma política de assistência habitacional, de construção de casas populares.

## **2 Dinâmicas da feira livre do bairro de Bodocongó.**

As sociedades ao longo da história foram desenvolvendo formas comerciais influenciadas por questões sociais, econômicas, políticas e culturais. As primeiras atividades comerciais foram realizadas através das feiras livres e dos mercados públicos. Estas são consideradas as primeiras formas comerciais na História da Humanidade, sendo assim, é necessário que se conheça a forma como se deu o desenvolvimento das mesmas na busca de entender a sua importância para as sociedades passadas e contemporâneas e como elas passaram a se organizar diante do desenvolvimento comercial no Capitalismo.

### **2.1 Feiras: um breve resgate histórico**

Segundo Huberman (1984), as feiras surgiram na Europa ainda no período Feudal, onde as relações de comércio eram estabelecidas a partir das trocas, sobre isso o autor afirma:

Nos primórdios da sociedade Feudal, a vida econômica decorria sem muita utilização de capital. Era uma economia de consumo, em que cada aldeia feudal era praticamente auto-suficiente [...] Sem dúvida havia um certo intercâmbio de mercadorias [...] Assim sendo, o comércio nos mercados semanais nunca foi muito intenso e era sempre local. (HUBERMAN, 1984, p.20).

A comercialização de mercadorias no período medieval como se dava por meio das trocas de produtos artesanais, se trocava por alimentos, animais e outros vários produtos. Essas atividades comerciais tinham dificuldades de se realizarem devido as más condições das estradas inadequadas para a locomoção dos mercadores, além dos saques constantes durante as viagens impedindo muitas vezes que esses produtos chegassem aos povoados para sua comercialização. No período do Feudalismo, a base da economia vinha do campo e a agricultura desempenhava a principal atividade geradora da riqueza para a sociedade daquele momento. (HUBERMAN, 1984)

No Brasil, as feiras surgiram, desde a época da colonização portuguesa e espanhola, em meados do século XVI. No início, com a exploração do pau-brasil e posteriormente com a cana-de-açúcar, que era exportada pela metrópole portuguesa, situação essa que impulsionou a criação e o fortalecimento de atividades comerciais no Brasil. As trocas e vendas dos excedentes oriundos das fazendas coloniais, com os produtos vindos da Metrópole se realizavam em espaços públicos através das feiras, essas que se iniciam no litoral ou próxima de locais onde havia maior fluxo de pessoas e que aos poucos foram se instalando no interior das capitanias como ocorreu no interior do Nordeste, com a comercialização do gado e do algodão.

As feiras que, passaram a ser atividades muito importantes para subsistência das populações supriam as necessidades pessoais e desenvolviam relações econômicas nas vilas e

povoados, e destes com as localidades circunvizinhas. Por muito tempo essas feiras eram praticadas em locais inadequados, pelo fato de naquele período, não haver uma legislação que regulamentasse o seu funcionamento.

O comércio era informal, até que em 1771, o Marquês do Lavradio, 3º Vice Rei do Brasil, criou a primeira lei que visou regularizar a atividade e autorizou o funcionamento dos mercados de alimentos nas ruas. A partir de então, este comércio adquiriu as atuais características de feira livre. Em 1904, através do decreto nº 997, as feiras foram reconhecidas formalmente pela administração pública, autorizando o seu funcionamento aos sábados, domingos, e feriados. (COUTINHO et al, 2006, p.2)

Aos poucos essas feiras foram se espalhando pelo interior das capitânicas do Nordeste, ganhando destaque através do intenso intercâmbio e troca de produtos como: o gado algodão a farinha carnes entre outros. Na atualidade, em muitas regiões do país, elas são o principal, e as vezes o único local polarizador do circuito comercial. Mesmo tendo feiras em outras regiões do Brasil é no Nordeste que elas se integram com maior intensidade, exercendo uma importância maior para a economia da região. Várias cidades nordestinas como Feira de Santana-BA, Itabaiana SE, Quixadá-CE, Campina Grande –PB, entre outras, surgiram ou se desenvolveram com as feiras livres, que contribuíram para a dinâmica econômica desses centros comerciais. Em Campina Grande, segundo Costa (2003, p.96-99),

A feira de Campina Grande teve sua origem e primeira localização no sítio das barrocas, arruado que se formou a partir do aldeamento Ariú, na margem esquerda do riacho das Piabas [...] A construção da Igreja Nossa Senhora Conceição, no alto da colina com as costas voltadas para os mocambos da rua das barrocas, atraiu para sua proximidade os negociantes e forçou, posteriormente, a transferência da feira das Barrocas para o largo da Matriz. [...] A feira de Campina Grande que desde seu surgimento realizava-se aos domingos mudou, para o sábado no ano de 1939[...].

No Nordeste, segundo Trevisan (2008, p 47), encontram-se basicamente dois tipos de feiras: as de grandes centros urbanos, com toda uma estrutura de comércio regular e as pequenas feiras espalhadas por todo interior, as quais podem ser consideradas como remanescentes das feiras tradicionais, onde o agricultor, o artesão e o criador se transformam em comerciantes.

Pazerra (2003, p.654) afirma que: “A feira nordestina não é um simples local de compra e venda de mercadorias; mais do que isto é o local privilegiado onde se desenvolvem uma série de relações sociais. É um fenômeno muito importante na vida econômica e social do Nordeste brasileiro”.

Mesmo não tendo aquela importância que tinha em outros momentos, as feiras continuam sendo muito importantes, pois, é através dessas atividades que muitas famílias e as populações dos pequenos centros urbanos, com baixo poder aquisitivo conseguem sobreviver em meio a concorrência desleal das grandes redes atacadistas de supermercados. Mesmo nas cidades maiores onde há uma maior expansão do comércio atacadista e varejista organizado, e

com todo esse processo de globalização da economia e das diversas tecnologias que acabam favorecendo, no desaparecimento desse tipo de economia, que não recebe muitas vezes apoio e incentivos do poder público, as feiras persistem através do incansável esforço dos feirantes e das comunidades locais.

## **2.2. A feira de Bodocongó: espaço de diversidades.**

A Feira de Bodocongó, segundo o senhor Manoel Lima da Silva (Seu Guiné), que é açougueiro, hoje aposentado, na entrevista afirmou que no seu início, por volta de 1953, a concentração de alguns feirantes se realizava em frente a antiga capela de Santa Rita de Cássia<sup>3</sup>, na rua Aprígio Veloso próximo a área do açude de Bodocongó, e que esse princípio da feira se realizava aos domingos, com venda de verduras, frutas e outros objetos.

Ainda de acordo com o entrevistado, era na frente da capela e nas suas imediações que os feirantes se encontravam nas noites de sábado para montarem suas barracas e bancos, sob a organização da prefeitura, e aí perdurou até o ano de 1974, quando todos os feirantes foram transferidos para a rua Eduardo Ferreira Ramos, atual rua da Sab de Bodocongó. Com a continuação da realização da feira nesse espaço, permanecendo em torno de 10 anos (1974-1984), no local, de onde ocorreu uma terceira e definitiva mudança (Figura 12), para o conjunto Severino Cabral (Anexo- C), no bairro de Bodocongó que iremos descrever no decorrer do estudo.

---

<sup>3</sup> A Capela Santa Rita de Cássia teve a construção e a inauguração no período 1941-1946.

Figura 12 - Etapas de mudanças das localizações da Feira Livre de Bodocongó



Fonte: Google Earth, 2016. Adaptado por Almeida, Wellington Venício.



Passados três anos da construção e entrega das casas do conjunto habitacional, Severino Cabral, no dia 31 de maio de 1981, se deu a inauguração do Centro de Atividades João Rique (21 de julho de 1984) fato histórico documentado nos (Anexo D e E), local onde passou a ocorrer a feira de Bodocongó, espaço de comercialização que há tempo era almejado pelos feirantes.

A feira de Bodocongó nos dias atuais possui três vias de acesso, ou ruas pavimentadas no seu entorno, que são: rua João Sérgio de Almeida Principal de comercialização, rua Maestro Nilo Lima fica do lado direito, e a rua Elvira Carolino de Lima no lado esquerdo, (Figura 13), nessas principais vias se concentram diversas atividades comerciais, tanto do mercado formal e informal.

Em entrevista ao senhor Vicente José Gouveia, 58 anos, funcionário público, o primeiro administrador da feira livre de Bodocongó, já fixada em seu atual espaço, o mesmo conta que os primeiros comerciantes e feirantes contemplados com os boxes e barracas nesse novo espaço receberam um treinamento oferecido pela CEASA (Central Estadual de Abastecimento), o curso de orientação de práticas de compra e venda das mercadorias. Ainda segundo este entrevistado, o projeto de construção desse mercado público teve as verbas para sua construção oriundas do Fundo de Reserva do Ministério do Planejamento, e que o referido curso do qual o mesmo também participou ajudou na qualificação dos comerciantes sendo muito proveitoso no desempenho de suas atividades com melhorias para realização de investimentos e lucratividade.

Esse espaço do Centro de Atividades está estruturado e descrito da seguinte maneira: com um Mercado Público composto de 21 boxes individuais (ou lojas), doados através de concessão para comercialização; dois banheiros, estrutura de alvenaria com cobertura, (Figura 14); calçadas; água encanada e energia elétrica. Os boxes possuem portas de rolos considerados seguras para o abrigo dos seus proprietários. Alguns desses boxes estão no interior do mercado onde se concentrava a venda de carnes e frangos, as outras lojas ficam na parte externa com lojas mais diversificadas, como: relojoeiro, armarinhos de aviamentos em geral, salão de beleza, bares, sapateiros, pequenas mercearias (com venda de feijão, arroz e outros produtos mais essenciais a população). Nesse mesmo centro de lojas, existe a sede administrativa da feira que funciona num antigo posto policial desativado, além de ter ao seu lado um ponto de apoio do programa de controle de dengue da Secretária Municipal de Saúde (SMS). (Figura 15)

**Figura 13:** Centro de atividades João Rique área da feira livre de Bodocongó e seus entornos.



Fonte: SEPLAN, 2015.

Figura 14 - Estrutura do Centro de Atividades João Rique



Fonte: ALMEIDA, Wellington Venício. (2015) - dados da pesquisa de campo.

Figura 15- Administração e S.M.S (programa de controle de dengue).



Fonte: ALMEIDA, Wellington Venício. (2015) - dados da pesquisa de campo.

Ainda neste mesmo espaço, ao lado juntamente do mercado foi erguido um posto de saúde, hoje chamado de Unidade Básica de Saúde João Rique (Figura 16), que presta serviços médicos a população local, com enfermeiros de plantão, médicos e dentistas, este posto de saúde fica localizado na rua Elvira Carolino de Lima. Como parte do projeto foi reservada uma área para lazer e prática de esportes com um campo de futebol (Figura 17) onde muitos torneios de futebol são realizados, localizado na Rua Maestro Nilo Lima lado direito da feira, rua esta, inserida no local onde se realiza as práticas de comércio da feira livre de Bodocongó.

Figura 16 -Unidade Básica de Saúde João Rique rua Elvira Carolino de Lima.



Fonte: ALMEIDA, Wellington Venício. (2015) - dados da pesquisa de campo.

Figura 17- Campo de Futebol na rua Maestro Nilo Lima



Fonte: ALMEIDA, Wellington Venício. (2015) - dados da pesquisa de campo.

No projeto do Centro de Atividades João Rique, foi reservada uma área para realização de uma feira livre, na qual há a montagem de barracas e bancos de frutas e verduras. Este mercado periódico que se realizava nas quartas feiras, sábados e domingos, com a montagem e desmontagem de bancos, em uma parte reservada a estes, mudanças foram realizadas e atualmente esse espaço encontra-se com boxes de construção em alvenaria, e o piso completamente pavimentado, com instalações básicas de água e energia alterando completamente a paisagem inicial da feira no seu início (Figura18).

Figura 18 - Espaço atual da feira livre construção de boxes de alvenaria



Fonte: ALMEIDA, Wellington Venício. (2015) - dados da pesquisa de campo.

Na entrevista realizada com um dos ex-administradores da feira, o senhor Manoel José da Silva<sup>4</sup>, o mesmo relata que a área, hoje reservada ao estacionamento, e que existem os boxes construídos em alvenaria, era antes reservada ao pessoal mais pobres da feira, os verdadeiros feirantes de frutas e verduras que muitas vezes, por não dispor de dinheiro tinham alguns bancos de madeira para expor suas mercadorias, outros apenas forravam o chão onde colocavam suas mercadorias, enfrentavam várias horas de trabalho duro iniciando suas jornadas de trabalho bem cedo da manhã.

Desses feirantes, a antiga URBEMA<sup>5</sup> arrecadava uma pequena quantia em dinheiro pelo aluguel dessas barracas, dinheiro esse que se destinava a manutenção e compra de produtos de limpeza para a feira. Alguns desses feirantes por não dispor de condição de pagar um frete, vinham com seus animais de carga, jumento ou carroças de burro, e ali despejavam seus produtos, algo curioso é que nessa área destinada hoje aos comerciantes com suas lojinhas, onde antes esse local servia a estes feirantes para colocarem seus animais e nas proximidades realizarem suas vendas. Área essa, que hoje se encontra invadida por algumas

---

<sup>4</sup> O senhor Manoel José da Silva, foi um dos antigos administradores da feira, esse funcionário da prefeitura de Campina Grande, conhece bem esta realidade deste 1984, ano da sua inauguração e tem acompanhado toda sua dinâmica até os dias atuais.

<sup>5</sup> URBEMA: Empresa Municipal Urbana da Borborema.

construções irregulares, embargadas pela prefeitura que foram sendo gradativamente invadidos por pessoas para construção de residências ou comércios.

O Centro de Atividades João Rique dispõe ainda de um amplo espaço destinado ao estacionamento de carros no qual também funciona um ponto de táxi (Figura 19) e mototáxi além da atividade de carga e descarga de mercadorias como caminhões e outros veículos (Figura 20). Na frente deste estacionamento existem inúmeras lojinhas para a prática de comércio e serviços, tais como: salão de beleza, lanchonetes, bares que funcionam até tarde da noite, o que comprova esta dinâmica da feira que possibilita uma prática econômica diária a este espaço da feira livre (Figura 21).

Figura 19 - Ponto de Táxi



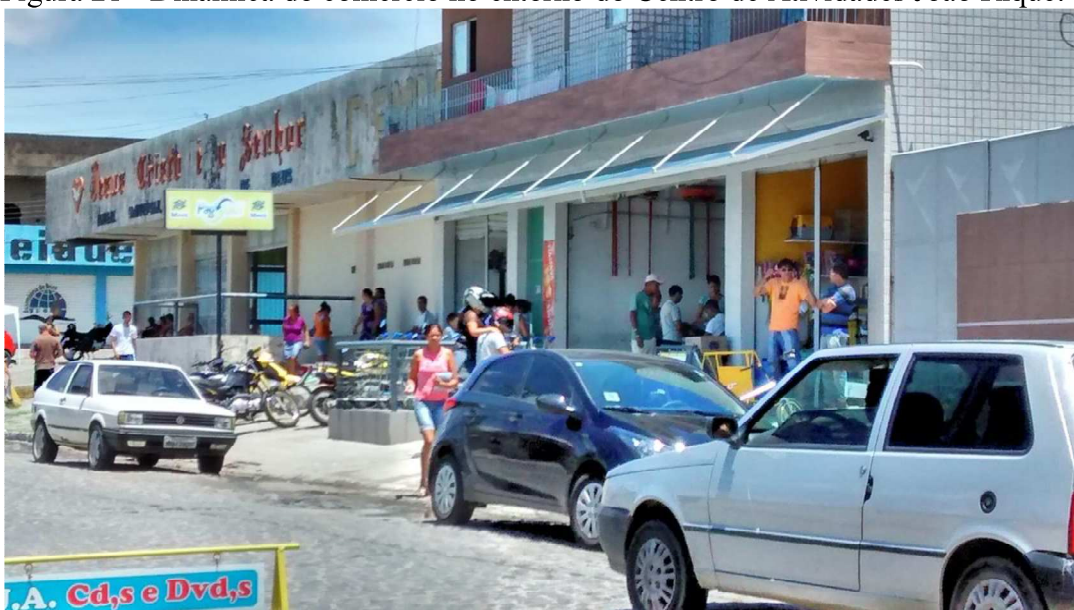
Fonte: ALMEIDA, Wellington Venício. (2015) - dados da pesquisa de campo.

Figura 20 - Área de carga e descarga de mercadorias.



Fonte: ALMEIDA, Wellington Venício. (2015) - dados da pesquisa de campo.

Figura 21 - Dinâmica do comércio no entorno do Centro de Atividades João Rique.



Fonte: ALMEIDA, Wellington Venício. (2015) - dados da pesquisa de campo.

Fazendo parte do entorno da feira encontramos o mercado formal, que funciona diariamente com vendas e prestações de serviços a exemplo dos mercadinhos, das farmácias, açougues e casas lotéricas, além de centros religiosos próximos, igrejas católicas e evangélicas, portanto notamos que toda essa área é muito dinâmica e muito frequentada pela população local e das adjacências, com o funcionamento da feira de domingo a domingo.

### **3 Circuitos da economia: O formal e o informal configurando uma centralidade no bairro de Bodocongó.**

Neste capítulo pretende-se trabalhar com os conceitos dos circuitos da economia segundo Milton Santos, bem como apresentar a dinâmica sócioespacial da feira livre de Bodocongó, em relação a esses dois circuitos da economia presentes nesta feira e na centralidade espacial que esta delinea.

#### **3.1 A feira de Bodocongó: a presença dos dois circuito da economia urbana na ocupação de um mesmo espaço.**

O comércio e os serviços influenciam de forma importante o crescimento das cidades e suas diversas áreas de expansão econômica. Muitas cidades da região Nordeste do Brasil começaram a sua formação econômica através das feiras que viabilizaram o fluxo de pessoas e de mercadorias propiciando a expansão desses espaços.

O desenvolvimento do setor comercial e de serviços está diretamente associado a dinâmica do sistema capitalista no qual o consumismo é de suma importância para sua consolidação. Consumo que se amplia em escala global da heterogeneidade espacial e do poder de participação do conjunto com a sociedade na economia.

É, pois, a partir dessa heterogeneidade entre classes sociais e entre países que Santos (1979), estudando a economia nas cidades dos países subdesenvolvidos observa que o comércio e os serviços estavam divididos em dois circuitos, o circuito superior e o circuito inferior. Ambos surgidos para suprir necessidades de consumo das populações a partir das modernizações capitalistas. Sendo o circuito superior voltado às exigências de um mercado consumidor capaz de arcar financeiramente com o preço da modernidade, e o circuito inferior para suprir os desejos de uma grande maioria que por não apresentar as mesmas condições financeiras procuram na informalidade os meios de sobrevivência, por meio do trabalho nesse setor, ou mesmo de consumir produtos similares na aparência mas não na durabilidade que são ofertados pelo circuito inferior da economia.

Os circuitos da economia, segundo Santos (op. cit), são responsáveis não só pelo processo econômico, mas também pelo processo de organização do espaço. É a partir de sua análise, quanto à seletividade do espaço dos países subdesenvolvidos, que se projeta o estudo acerca dos dois circuitos urbanos, praticados nos países considerados



subdesenvolvidos. Nesse tipo de estudo, ele estabelece uma divisão no espaço através da divisão, entre os poucos privilegiados e uma massa de desprovidos:

A existência de uma massa de pessoas de salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferenças quantitativas e qualitativas de consumo. Essas diferenças são causa e efeito da existência, ou seja, da criação ou da manutenção, nessas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo de bem serviços. (SANTOS, 1979, p.25).

Esta divisão se dá por dois circuitos, o circuito superior ou moderno, que se originou diretamente das modernizações tecnológicas e seus elementos mais representativos que hoje são a formação dos monopólios, e também dos cartéis. O circuito inferior que é formado por pequenas atividades desenvolvidas pela população mais pobre, que pouco tem acesso ao uso da modernização. Santos, (1979), afirma ainda que cada circuito se define a partir do conjunto das atividades ligadas ao seu contexto, bem como ao setor da população que se liga a ele essencialmente pela atividade e por consumo.

A feira livre de Bodocongó encontra-se num espaço, onde esses dois circuitos podem ser bem caracterizados. Espaço dividido, em que as diferenças econômicas e sociais estão evidenciadas nas atividades correspondentes a cada circuito.

Como pode ser observado na (Figura 22), a partir das características dos dois circuitos da economia, o primeiro o circuito superior apresenta um alto nível de modernização tecnológica, restringindo o seu mercado de consumo para aqueles que possuem condições financeiras favoráveis para desfrutar desse tipo de consumo, o segundo o circuito inferior está direcionado ao atendimento daqueles que apesar das necessidades, não apresentam condições financeiras suficiente para se beneficiar totalmente, mas só de forma parcial do circuito superior, e assim, se detêm em sua maior parte ao consumo através do circuito inferior.

Figura 22 - Quadro comparativo entre os dois circuitos da economia

	<i>Circuito Superior</i>	<i>Circuito Inferior</i>
Tecnologia	capital intensivo	trabalho intensivo
Organização	burocrática	primitiva
Capitais	importantes	reduzidos
Emprego	reduzido	volumoso
Assalariado	dominante	não-obrigatório
Estoques	grande quantidade e/ou alta qualidade	pequena quantidade qualidade inferior
Preços	fixos (em geral)	submetidos à discussão entre comprador e vendedor ( <i>haggling</i> )
Crédito	bancário institucional	pessoal não-institucional
Margem de lucro	reduzida o por unidade, mas importante pelo volume de negócios (exceção produtos de luxo)	elevada por unidade, mas pequena em relação ao volume de negócios
Relações com a clientela	impessoais e/ou com papéis	diretas, personalizadas
Custos fixos	importantes	desprezíveis
Publicidade	necessária	nula
Reutilização dos bens	nula	frequente
<i>Overhead capital</i>	indispensável	dispensável
Ajuda governamental	importante	nula ou quase nula
Dependência direta do	grande, atividade voltada	reduzida ou nula

Fonte: Santos (2008, p. 44).

A realidade da feira de Bodocongó não se aplica a todos os itens mostrados no quadro supramencionado, sobre as características como o autor mostra dos, “Dois circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos”, (Santos, 2008). No entanto, o que se refere ao circuito superior, uma vez que os empreendimentos presentes neste espaço, embora característicos desse setor, não são de grandes dimensões quanto ao investimento de capitais e tecnologia, por se tratar de uma centralidade de bairro periférico de uma cidade do interior do Nordeste.

### 3.2 O circuito superior na feira de Bodocongó

O circuito superior compreende as dinâmicas modernas de organização e transformação espacial, Santos (2008, p. 22) afirma “O circuito superior originou-se diretamente da modernização tecnológica e seus elementos mais representativos hoje são os monopólios”. Esse circuito econômico compreende o comércio formal. Suas principais características estão relacionadas as atividades econômicas de grande porte, que manipulam grandes volumes de mercadorias, os capitais são comumente volumosos em relação a tecnologia utilizada. Ele apresenta um vínculo fundamental com o setor bancário, dado a necessidade de crédito para dar sustentação as suas atividades financeiras já que, são seus elevados investimentos que são financiados por estes setores econômicos. A principal preocupação desse setor é acumular cada vez mais capital, daí o desinteresse de investir, muitas das vezes, em escalas locais a exemplo de áreas distantes do centro comercial. É também característica desse setor produzir muito á baixos custos, permitindo-se vender a baixos custos com o uso, muitas vezes, do crédito e parcelamento das compras e então se torna competitivo no mercado.

O emprego nesse setor é assalariado e reduzido devido ao nível tecnológico, as relações com os clientes são impessoais. Dispõem de um grande apoio governamental, com a isenção muitas vezes de impostos, com incentivos fiscais; além de um importante fator, que forma uma infraestrutura necessária para sua instalação, seus preços que são geralmente fixos; utiliza-se do meio publicitário ( marketing das empresas); a margem de lucro é reduzido por unidade e importante pela quantidade; além de dependerem direta ou indiretamente do exterior , isso nas empresas multinacionais, onde estão suas matrizes desenvolvendo cada vez mais estratégias em escalas globais. Conforme afirma, Santos (2008).

O funcionamento do circuito superior está baseado nas necessidades de uma produção “capital intensivo” local ou exógena. O consumo, ligado ao poder de compra, é seletivo, mas as firmas do circuito superior dispõem de meios de publicidade suficientes para criar novos gostos e para atrair a clientela, ou seja, elas impõem a demanda. (SANTOS 2008, p.47)

Todas essas características se aplicam ao mercado formal de alta tecnologia, que contemplamos nos grandes centros, são cidades de grande e médio porte, como as capitais e outras cidades de níveis econômicos e tecnológicos desenvolvidos. Como hoje, vemos no atual mundo globalizado, as metrópoles influenciam várias outras pequenas cidades em seu entorno, a nível de Brasil podemos citar: a grande São Paulo e o ABC paulista, e mais

próximo temos a grande Recife e toda sua área metropolitana, onde as grandes empresas globais se instalam e absorvem toda essa área de influência, visando a expansão e conquistar novos mercados consumidores, investem objetivando o lucro e para estabelecer mais suas economias.

Pretende-se aqui discutir, que características desse circuito pode ter ligação com o estudo da dinâmica socioespacial de uma feira livre, principalmente quando ela está localizada em um pequeno centro de um bairro, distante da área central de uma cidade. Vale salientar que a feira, como se pode observar até o momento é um espaço de manifestações, fenômenos isolados das instâncias do comércio formal.

O comércio do bairro de Bodocongó com sua feira livre, apresenta um processo de consumo menos moderno do ponto de vista tecnológico e organizacional, característico do circuito superior da economia, no entanto esse fator não o exclui do estudo levantado por Milton Santos que define:

A atividade de fabricação do circuito superior divide-se de duas formas de organização. Uma é o circuito superior propriamente dito, a outra o circuito superior marginal, constituído de formas menos modernas do ponto de vista tecnológico e organizacional. (SANTOS, 1979, p.80)

A dinâmica socioespacial do comércio formal, da feira de Bodocongó, apresenta-se de forma singular as características do circuito superior marginal, proposto por Santos (op.cit). Dentro desse cenário encontram-se características do mercado formal, como interligação e dependência financeira do setor bancário, o trabalho assalariado de funcionários, o uso de tecnologias para a agilidade no trabalho, uso da publicidade para melhorar as vendas.

Na realidade do mercado formal incluso no circuito superior da feira de Bodocongó, encontra-se instalado na rua principal da feira, a rua João Sérgio de Almeida, atraiu de imediato um supermercado, que foi o pioneiro na construção e instalação desses novos empreendimentos, onde foi entrevistado este empresário, o senhor José Jussie Ferreira, que nos forneceu as datas de início desses comércios, onde se concentram empresários que, compraram alguns terrenos desocupados em frente ao mercado público, a feira livre, e iniciaram a construção dessas lojas no ano de 2001, e que gradativamente entre 2005 e 2015 expandiram este comércio formal através de empreendimento diversos.

Essa seletividade espacial a partir da feira livre (Figura 23), e em seguida outros empreendimentos resolveram investir neste espaço, localizando-se nesta mesma rua, a exemplo de um multibank, uma casa lotérica, um Pet Shop, um açougue (frigorífico), uma pequena loja de troca e venda de motos, um comércio de material de construção uma filial de

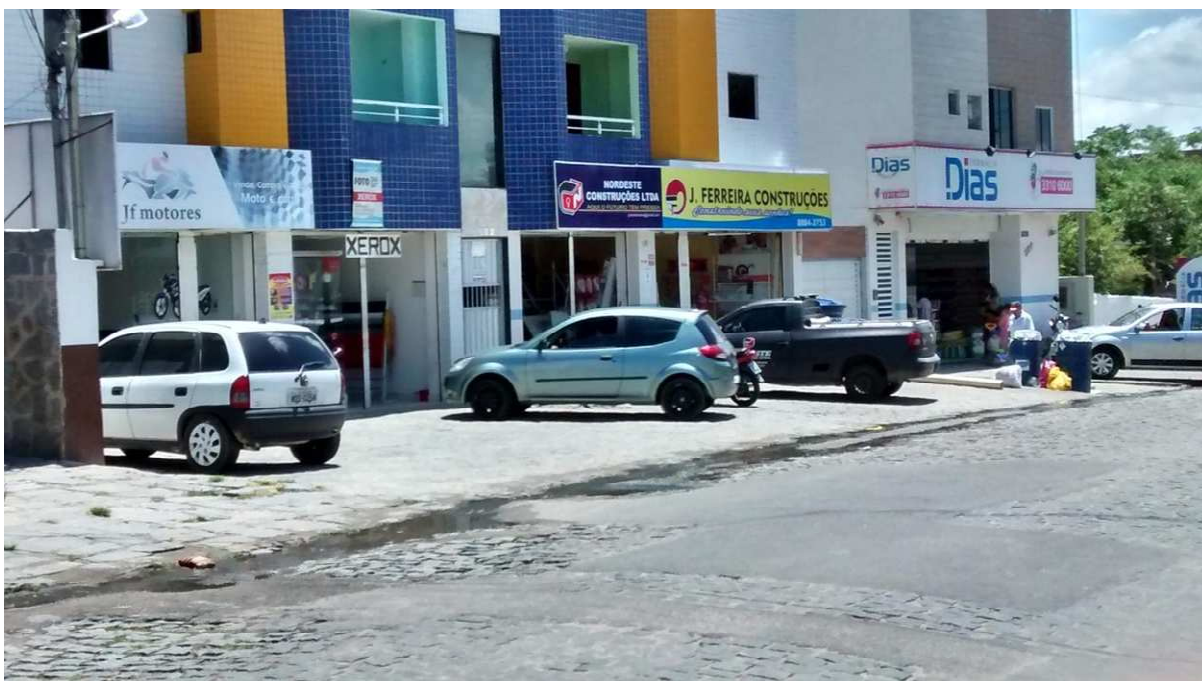
uma grande rede de farmácias (farmácia Dias), uma pequena farmácia não pertencente a grandes grupos, e outros comércios de valor pouco expressivo.(Figura 24)

Figura 23 - Primeiro maior empreendimento nas proximidades da feira.



Fonte: ALMEIDA, Wellington Venício. (2015) - dados da pesquisa de campo.

Figura 24 - Coesão espacial de atividades complementares diversas na rua João Sérgio de ... Almeida



Fonte: ALMEIDA, Wellington Venício. (2015) - dados da pesquisa de campo.

Essa coesão espacial de atividades complementares diversas que formam esta subcentralidade de um bairro, é um dos pontos importantes dessa pesquisa, onde se percebe o poder aglutinador da feira na atração desses empreendimentos econômicos e na visão empreendedora desses empresários em enxergar nesse comércio informal, a oportunidade de iniciar um grande negócio. Este fenômeno de subcentralidade beneficia a população do bairro, mas também os feirantes que antes não dispunha desses serviços tendo que se deslocar até o centro da cidade para realizar seus pagamentos de contas, comprar remédios, entre outros serviços. Portanto tal centralidade traz para o bairro maior comodidade, agilidade e a redução de custos, além do reaquecimento econômico da feira, pois tal dinâmica contribui para aumento de frequentadores para a feira. O consumo da população local se realiza através desses dois circuitos, que tem como perfil de moradores pessoas das classes baixas e médias, o que confirma a afirmativa de Santos (2008, p. 261): “Os dois circuitos não são sistemas isolados e impermeáveis entre si, mas, ao contrário, estão em interseção permanente. De um lado, a própria existência de uma classe média impede de se falar em circuitos fechados”.

O que se percebe é que essas novas atividades comerciais, contribuíram para um novo avivamento desse espaço de vendas que antes se detinham apenas a feira livre com o mercado informal, e que hoje, os moradores do bairro passaram a utilizar mais dos serviços do mercado formal. Há, portanto, um relação de interdependência, pois os que frequentavam a feira desde sua origem, também frequentam o setor formal que se beneficia dessa clientela. Esses novos serviços beneficiam também os feirantes que passaram a aumentar suas vendas, já que o fluxo de pessoas que utilizam os serviços do setor formal também consomem os produtos da feira, como exemplo podemos citar as pessoas que pagam as suas contas nas lotéricas ou fazem suas compras do mês, vão também aos feirantes comprar suas frutas e verduras, desta forma comprova-se que um circuito se inter-relaciona com o outro, confirmando o que já foi citado por Santos, não se encontra circuitos fechados, mas sim uma relação proveitosa do ponto de vista das vendas e do consumo de ambas as partes.

### 3.3 O circuito inferior na feira de Bodocongó.

Desde sua inauguração, esse espaço reservado às relações socioeconômicas desse setor informal da economia era composto por feirantes e alguns pequenos comerciantes que receberam seus boxes e barracas. Todos tirando o sustento familiar da feira junto aos seus antigos clientes. Porém com a instalação gradativa do comércio formal, que se concentra na rua principal (João Sérgio de Almeida) observa-se que uma parte de novos feirantes se instalaram em áreas cuja ocupação é considerada irregular.

Esta nova área de ocupação é em frente ao mercado central, o centro de atividades João Rique, em área livre reservada para entrada de pedestres e das mercadorias que abastecem a parte interna dos boxes do mercado e também os demais feirantes.

Observa-se através das fichas cadastrais dos que comercializam na feira, cedido para esta pesquisa pelo atual administrador, o senhor João Bosco Rodrigues de Lima, que a partir do ano 2013, alguns dos comerciantes iniciaram a ocupação e realizaram seus cadastros com documentação regularizada, construindo em área proibida, sem que a gestão anterior os proibissem, o que resultou na problemática hoje presente, visto que muitos comerciantes estão fixados em boxes de alvenaria como se constata in loco (Figura 25), e cabendo a atual administração apenas cadastrá-los para tentar manter um controle destes.

Figura 25 - Construções de alvenaria irregulares



Fonte: ALMEIDA, Wellington Venício. (2015) - dados da pesquisa de campo.

A presença do circuito inferior nos bairros mais distantes do centro, como no caso do bairro de Bodocongó, mais especificamente, assim como o da própria feira é algo que se explica pela, “necessidade de uma resposta imediata às necessidades de uma população sem dinheiro” (SANTOS, 2008, p.350). Daí a presença desses pequenos centros comerciais, distantes da área central da cidade, composto de comerciantes de baixa renda, que montam seus pequenos comércios, com pouco capital, como o que ocorre atualmente, no espaço dessa feira em estudo.

No entorno da feira observa-se a interrelação do informal e o formal onde os dois circuitos se completam beneficiando-se de uma mesma clientela que frequenta os diversos setores da feira, mas também aproveitam os serviços que são oferecidos pelo mercado formal bastante diversificado.

Na busca de se beneficiar da proximidade do comércio formal os novos feirantes que constroem pequenos boxes e barracas mais próximas da rua principal, onde o comércio e os serviços são mais diversificados e o fluxo de pessoas é maior, beneficiando-se dessa forma de uma economia de aglomeração na qual os dois circuitos convivem e se complementam.

No mercado informal são diversos produtos comercializados como: frutas, verduras, carnes, ervas medicinais, diversos produtos caseiros, queijos, animais (galinhas vivas ou abatidas), além de outros produtos. Essa nova ocupação irregular fica defronte a rua principal da feira de maior comércio, na qual se concentram as atividades do circuito superior, mas também das atividades de uma parcela dos feirantes do setor circuito inferior. (Figura 26, 27)

O circuito inferior da economia assim como o circuito superior, também é uma criação da modernidade, porém a sua produção é consumida pela parcela excluída do acesso as técnicas e tecnologias implementadas pelo mercado capitalista de consumo, como afirma Santos (2008, p 350). “No circuito inferior, as atividades de serviços são criadas antes de tudo para a população e para as outras atividades que, regularmente, não têm acesso aos serviços do circuito superior”.



Figura 26 - Presença do Circuito Inferior na rua Maestro Nilo Lima.



Fonte: ALMEIDA, Wellington Venício. (2015) - dados da pesquisa de campo.

Figura 27 - Presença do Circuito Inferior na rua João Sérgio de Almeida.



Fonte: ALMEIDA, Wellington Venício. (2015) - dados da pesquisa de campo.

Este circuito compreende basicamente o mercado informal da economia, o que é um dos focos fundamental desse estudo. Este é um circuito econômico não moderno, que compreende a pequena produção manufatureira, que na maioria das vezes são produzidos e

vendidos pelos próprios feirantes a exemplo de pequenas lojas de venda de utensílios domésticos para cozinha: panos de prato, toalhas de mesa, entre outros. Todos estes produtos artesanais feitos por costureiras que ali mesmo produzem roupas e concertos de roupas juninas. Os ambulantes de produtos pirateados oportunamente se instalam nesse espaço para vender seus produtos: são CDs, além de outros diversos produtos de baixa tecnologia.

No que diz respeito aos lucros, tais comerciantes são sujeitos a variâncias do mercado e as vendas são em pequenas quantidades. Os preços são variáveis, já que a necessidade de rápido retorno do investimento os impulsiona para que a negociação seja um instrumento da atividade, pelo fato das mercadorias não poderem ser estocáveis por muitos dias, daí ter que vender a preços muito mais baixos, primeiro para saldar suas dívidas e garantir que com a venda da mercadoria tenha dinheiro para poder no dia seguinte comprar novamente sua mercadoria e continuar negociando.

A incerteza desse setor estar em um dia poder ter um certo lucro e no outro haver desperdícios, apenas conseguindo repor o investimento do dinheiro utilizado. A forma de compra dos clientes com o feirante se observa constante, com isso possibilitando que haja uma pechincha na hora do pagamento tal como cita Santos (2008, p.250). “A pechincha, quer dizer, a discussão que se estabelece entre o comprador e o vendedor sobre o preço de uma mercadoria, é um dos aspectos mais característicos da formação dos preços no circuito inferior”.

Os feirantes trabalham com pouco estoque, por isso necessitam vender rapidamente para comprar novos produtos e proceder as novas vendas, num ciclo de sobrevivência onde o capital de investimento é inexpressivo, quando comparamos com a economia do circuito superior, neste mercado se trabalha sem estoque de mercadorias.

Entre outras características do circuito inferior é a falta de publicidade; os custos fixos são desprezíveis; o crédito é pessoal e não institucional; há frequente reutilização dos bens; o salário não obrigatório; ajuda governamental nula ou quase inexistente, tanto em relação à infraestrutura quanto a incentivos. Algumas das propriedades do circuito inferior se explicam devido à organização desburocratizada, baixa taxa de investimento, mão de obra barata e muitas vezes familiar. É o que facilita a entrada de qualquer pessoa nesse circuito, bastando possuir apenas um capital mínimo para investir neste espaço, montando uma banca na feira livre ou como camelô, negociando até produtos importados de baixo custo.

As atividades econômicas nesse circuito proliferam pelo grande número destes trabalhadores envolvidos, absorvendo pessoas desempregadas ou de baixa renda, daí ser

muito amplo esse setor da economia. Os filhos dos feirantes muitas vezes colaboram para a realização desse pequeno comércio, já que muitos não podem pagar uma pessoa para ajudar, dessa forma a saída é recorrer aos filhos, os quais muitas vezes trabalhando em outros setores só podem ajudar seus pais nos fins de semana.

Alguns desses pequenos comerciantes não têm outras opções senão permanecer na feira, visto que a maioria não possui um significativo nível de escolaridade, ou cursos profissionalizantes, e por estarem com idade que o mercado formal, não mais os absorver. Resta-lhes, portanto, permanecer na feira e sobreviverem com a renda adquirida na venda dos produtos.

O circuito inferior tem maior representatividade no espaço da feira, o que se observa a partir das características apontadas por Santos (1997) tais como o trabalho intensivo, pois a maioria dos feirantes são os donos de seus estabelecimentos e empregam, quando necessário, a mão de obra familiar e a informalidade.

A relação entre o comerciante e o freguês se dá de forma amistosa, pois nas feiras livres a forma de compras e pagamentos se desenvolve na medida em que as pessoas que frequentam a feira local se tornam um cliente constante, daí a confiança que se forma, colaborando para a compra à vista ou também por meio do conhecido fiado (com o uso da caderneta que se faz presente). Estes fregueses em sua grande maioria são indivíduos desprovidos de melhores condições financeiras ou trabalhadores que só recebem seus salários mensalmente, e nos dias de feiras não estão com dinheiro, mais que por serem antigos clientes utilizam-se da confiança, para a compra de produtos perecíveis (frutas e verduras) que são compradas todos os fins de semana. Tais dados foram observados na pesquisa de campo na qual se constatou que a expressividade do crédito é baseado na confiança (fiado).

Dentre os entrevistados que responderam que utilizavam a caderneta, ficou claro que o pagamento a vista é comum, porém as vendas fiado acontecem em maior proporção (Figura 28). Dos feirantes que disseram que só trabalham com a venda a vista, em sua maioria eram os que vendiam, ou apresentavam maior volume de comercialização e que não moravam na cidade ou no bairro, são alguns que vivem trabalhando em diversas feiras, sem pontos fixo, fator esse que restringem em alguns casos os laços de confiança.

Figura 28 - levantamento da forma de pagamento dos clientes no comércio informal.

<b>Forma de pagamento dos clientes no comércio informal da feira de Bodocongó.</b>		
Tipo de pagamento	Número de Entrevistados	%
Á vista	12	34,30%
Caderneta (quinzenal)	4	11,40%
Caderneta (mensal)	19	54,30%
Total	35	100%

Está forma de crédito e sua permanência em tempos presentes é explicada por Santos (1979, p. 188) ao afirmar que

Para o consumidor, que é, com mais frequência, pobre e sem emprego permanente, o crédito representa uma necessidade imperiosa. Sem ele seria impossível prover as necessidades da família; o trabalho temporário ou ocasional só permite entrada esporádicas de dinheiro [...] Somente o pequeno comércio do circuito inferior está adaptado às condições da clientela pela venda a crédito e pelo fracionamento das mercadorias.

A feira de Bodocongó também em épocas, passadas se realizavam atividades, culturais, como apresentações de repentistas, apresentação de filmes religiosos principalmente na Semana Santa, entre outras atividades. Uma prática tradicional desse espaço cultural é o de se reunir amigos para conversarem. Prática que é comum entre os idosos que vão ali para reviverem lembranças e compartilharem experiências, são atividades que se apresentam em meio a um lugar de encontro de famílias para o trabalho, mas que também se divertem criando laços de amizade entre aqueles que frequentam constantemente a feira, muitos são até vizinhos de uma mesma rua, que se conhecem bem, relações que vão além de um simples cliente, com a construção de laços de amizade muito próximos.

As relações sociais estabelecidas na feira apresentam-se como resultado de uma cultura arraigada na sociedade ao longo dos tempos, pois

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais elas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos. As variações nas formas de família, por exemplo ou nas maneiras de habitar, de se vestir ou de distribuir os produtos de trabalho não são gratuitas. Fazem sentido para os agrupamentos humanos ou as vivem, são resultado de sua história, relacionam-se com as condições materiais de sua existência. Entendido assim, o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas, (SANTO, 1984, p.8)

Tais relações sociais se apresentam de forma singular na feira, apesar dessas relações sociais vigentes impulsionadas pelo desenvolvimento das técnicas e práticas comerciais as tradições familiares que resistem neste cenário econômico, também cultural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da presente pesquisa fica clara a existência de uma subcentralidade no bairro de Bodocongó que se inicia com a instauração de feira livre na qual convive e se complementam os comércios e serviços dos setores formal e o informal.

Como se viu no transcorrer deste trabalho os dois circuitos da economia urbana estão presentes e se inter-relacionam no espaço da feira de Bodocongó, objeto sócio-espacial que resiste a todas as adversidades e crises, no qual se faz presente a tradição e as inovações, mas também a cultura popular que perpetua o costume de ir à feira, e mantém ainda firme esse comércio local do bairro.

A feira de Bodocongó beneficia as comunidades local e circunvizinhas que frequentam aquele espaço comercial e conseguem satisfazer as necessidades de consumo desta população de bairro, mas também a reprodução social de muitos trabalhadores pobres.

Tipicamente inserida no circuito inferior da economia, a feira potencializou o surgimento de um setor moderno da economia composto de supermercados, farmácias, redes bancárias e de grandes fornecedores de produtos e capital de crédito.

Observou-se ainda que para esses empresários do setor formal sobreviverem nesse mercado muito competitivo, no qual há a concorrência de outros comércios nos bairros próximos, além das grandes redes varejistas que estão na área central da cidade e que absorvem uma grande clientela desses comerciantes locais através dos preços serem mais atrativos e da maior diversidade de produtos oferecidos, esse pequeno empresário local precisa manter preços de produtos não tão diferentes da realidade dos outros concorrentes tirando vantagens da proximidade para manter sua clientela.

A subcentralidade proporcionada pela feira e o mercado formal em volta é outra vantagem locacional para os comerciantes do bairro, uma vez que há neste espaço uma coesão na qual atividades diferentes se complementam para atender a esta clientela de bairro que não precisa mais se deslocar até a área central da cidade para comprar produtos do seu cotidiano ou receber a prestação de alguns serviços.

Por fim, vale destacar a importância que a feira de Bodocongó mantém não apenas em nível econômico como local de abastecimento e de reprodução social, mas, sobretudo como espaço da manutenção cultural e da sociabilidade no cotidiano da comunidade.

Considerando a complexidade do tema e a necessidade de aprofundamento do mesmo observa-se que este estudo não se encerra aqui, podendo ser ampliado e atualizado em outro momento da vida acadêmica. Visto ser o espaço dinâmico e sempre em transformação, o

estudo geográfico possibilita que um mesmo objeto de estudo possa ser investigado sob diversas abordagens e em momento diferentes apresentando especificidades que sempre justificam uma releitura do mesmo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elpídio de, **Coleção História de Campina Grande**. 2 ed. Editora universitária/ UFPB: João Pessoa, 1978.

ANDRADE, Manuel Corrêa de. **Estado, capital e industrialização do Nordeste**. Zahar: Rio de Janeiro, 1981.

\_\_\_\_\_. **A Terra e o Homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 7ª. ed. Ver. E aumentada – São Paulo: Cortez, 2005.

AESA. Agência Executiva de Gestão das Águas. < HTTP// www.aesa.pb.gov.br.> Acesso em 27 de março de 2016.

CARLOS, Ana Fani, Alessandri. **A cidade**. 8 ed. 1 reimpressão-São paulo:Contexto,2007. (Repensando a geografia).

CHAVES, Gilvando Rodrigues. **Análise socioeconômica e cultural da Feira Livre do município de Remígio-PB**. Monografia (Curso de Licenciatura em geografia). UEPB. Campina Grande, 2011.

CORREA, Roberto lobato. **O espaço Urbano**.2 ed. São Paulo, ática 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajelórias Geográficas**. 3º ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

COSTA, Antônio Albuquerque da.**Sucessões e coexistências do espaço campinense na sua inserção ao meio técnico-científico-informacional**: a feira de campina Grande na interface desse processo, 2003. Dissertação(Mestrado). Mestrado em geografia CFCH/DCG/UFPE, Recife, 2003.

COUTINHO, Edilma Pinto eteal. **Feiras livres do brejo paraibano**: crises e perspectivas. in XLIV Congresso do Saber “Questões agrárias, educação no campo e desenvolvimento.” Fortaleza, 23 a 27 de julho de 2006. Disponível em:<http://www.saber.org.br/palestra/5/663.pdf> acesso em 15 de janeiro de 2015.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajelórias Geográficas**. 3º ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

FIEP- Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, 2010. Disponível em: < http://fiepb.com.br/fiep/. Acesso em julho 2015.

GONÇALVES, Mônica Diniz. **Infraestrutura na qualidade de vida**: Uma análise reflexiva da implantação do canal de Bodocongó em Campina Grande- PB. Monografia (Curso de Licenciatura em geografia). UEPB. Campina Grande, 2005.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. 20 ed. Rio de Janeiro, Zahar,1984.

IBGE. Instituto brasileiro de geografia e estatística 2010. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 de maio 2015.



PAZERRA, Jr Eduardo. **A feira de Itabaiana-PB: permanência e mudança.** Tese(Doutorado), Departamento de Geografia, USP. São Paulo, 2003.

PEDRO, Erbson Jecelino Gonçalves. **Análise ambiental das ações antrópicas no açude de Bodocongó, Campina Grande-PB.** Monografia (Curso de licenciatura em geografia). UEPB. Campina Grande, 2008.

RIOS, Arthur José (coordenador). **Campina grande um centro comercial do Nordeste.** Rio de Janeiro; SESC/SEPLAN, 1963, 93 p.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades brasileiras.** 7 ed. São Paulo: Contexto,1997 (repensando a geografia)

RODRIGUES, Janete Lins. (Coordenadora) **Alas Escolar da Paraíba.** 3º ed. João Pessoa: GRAFSET, 2002.

SÀ, Maria Braga de. **Algumas considerações sobre o papel de Campina Grande na rede urbana paraibana.** Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba, 1986, p. 187-199.

SANTO, José Luís. **O que é cultura.** 2 edição. São Paulo: brasiliense, 1984.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** / Milton Santos – Rio de Janeiro: 1979. (Coleção ciências sociais).

\_\_\_\_\_. **O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** 2ª. Ed., 1 reimpr.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência Universal /** Milton Santos. – 15ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** – 4. Ed. 5. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. (Coleção Milton Santos; 1)

\_\_\_\_\_. **Técnica e espaço: globalização e meio técnico- científico-informacional.** São Paulo: Hucitec, 1997.

SOUZA, Livia Betânia Wanderley. **A feira livre de Pedras de Fogo- PB, 2006.** Monografia (graduação), Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Universidade Federal da Paraíba- João Pessoa, 2006.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano/** Marcelo Lopes de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

TREVISAN, Emerson. **A feira livre de Igarassu: Uma análise a partir dos dois circuitos da economia, a convivência do formal e o informal.** Dissertação de Mestrado; UFPE, Recife, 2008.

## **ANEXOS**

## ANEXO A

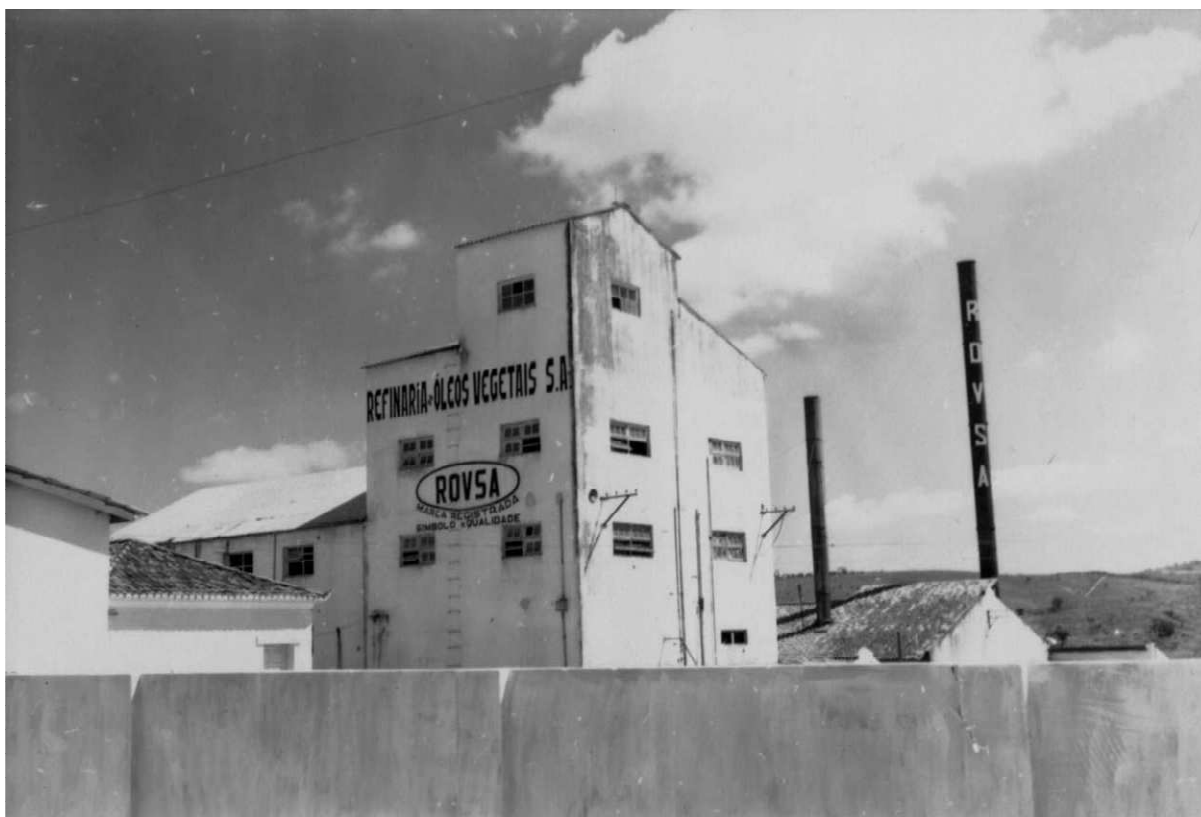
Fabrica da antiga Ipelsa, atualmente como (Everest Paper ).



Fonte: ALMEIDA, Wellington Venicio, (2016) - dados da pesquisa de campo.

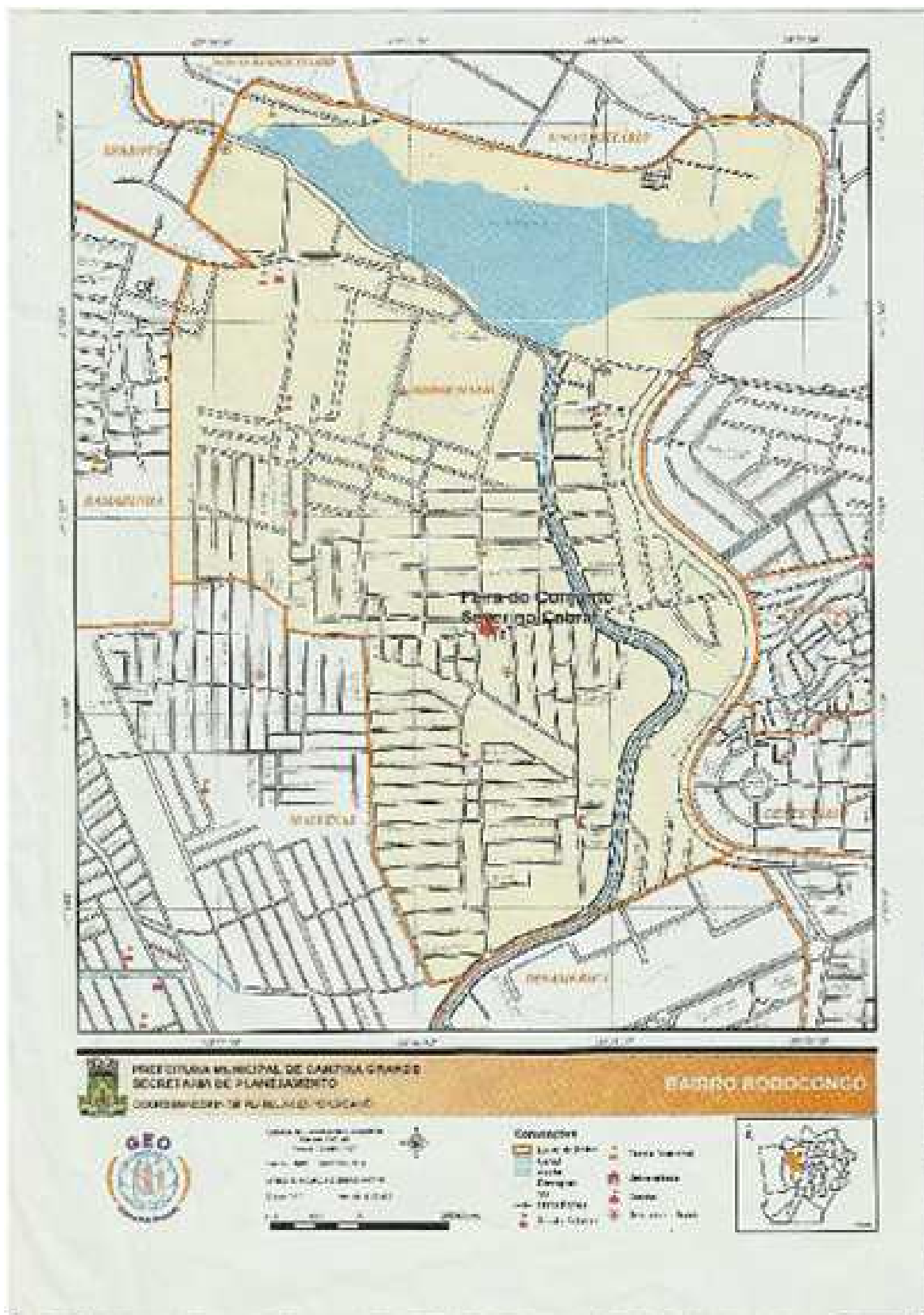
## ANEXO B

ROVISA-S/A – 1957



Fonte: [http://1.bp.blogspot.com/-wN3Trhhc\\_aA/Tr1Q-pX7C9I/AAAAAAAAADAM/02DiSPdvW6o/s1600/rovsa1957.jpg](http://1.bp.blogspot.com/-wN3Trhhc_aA/Tr1Q-pX7C9I/AAAAAAAAADAM/02DiSPdvW6o/s1600/rovsa1957.jpg)

## ANEXO C



FONTE: Fonte: SEPLAN, 2015 (Imagem fornecida, pela SEPLAN, 2015)

## ANEXO D

CAMPINA GRANDE, DOMINGO, 12 DE AGOSTO DE 1984

# Gazeta

## Pouco movimento na Feirinha de Bodocongô

Inaugurado há pouco mais de 15 dias, o Centro de Atividades João Rique, em Bodocongô, não vem correspondendo as expectativas dos comerciantes ali estabelecidos que informam ser o movimento fraquíssimo, uma vez que a população daquele bairro e adjacências, ainda não se habituou a frequentar o local, continuando a fazer compras na feira central e supermercados.

Segundo disseram as vendas melhoraram um pouco na sexta-feira, sábado e domingo, no entanto, o que muito lhes prejudicou foi a transferência da feira da quarta para sexta, tendo em vista que no meio da semana os que residem no bairro estão indo ao Mercado Central, e abastecidos, não mais procuram o Centro de Atividades. Por isso, já pensam em formar uma comissão para pedir a volta normal do que chama de "feirinha da quarta", ao secretário de Serviços Urbanos do Município.

No decorrer da semana nenhum proprietário de toda está colocando produtos a venda e dos 21 boxes ali existentes, apenas oito estavam abertos ontem, sendo uma

tarimba de venda de carnes, uma de queijo e manteiga, e as demais de cereais. Os comerciantes disseram que as vendas são baixíssimas.

Quanto ao setor administrativo daquele Centro, os comerciantes Joséildo Nascimento, Marcos Antonio Leite Sampaio e Iracema Arrud, frisaram que esta sendo boa, havendo cuidados necessários com limpeza e organização de todos os setores, destacando também o setor de segurança, pois ali existe um posto policial, que é aberto diuturnamente.

Mesmo vendendo pouco, e para evitar gastos desnecessários, com água e luz tendo que fechar seus boxes vários dias da semana, ninguém ali fala em repassar os pontos para terceiros, pois todos esperam que com o passar dos dias tudo será diferente, levando-se em consideração a distância do bairro para o Mercado Central por isso, depois de tudo preferirão fazer suas compras em nossos estabelecimentos, sem despesas com transportes e sem perder muito tempo".



No CA, as vendas quase inexistem.

Fonte: Imagem cedida pelo senhor Vicente José Gouveia, 58 anos, funcionário público o primeiro administrador da feira livre de Bodocongô,

## ANEXO E



Fonte: Imagem cedida pelo senhor Vicente José Gouveia, 58 anos, funcionário público primeiro administrador da feira livre de Bodocongó,

